



aos e aos

40

JOÃO ANZANELLO
CARRASCOZA

15V

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

COSACNAIFY

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

aos 7 e aos

40



PATROCÍNIO
Petrobras Cultural



REALIZAÇÃO

Ministério da
Cultura



DEPRESSA

Eu ia correndo à vida. Aos sete, a gente é assim. Pula de um doce pra um brinquedo. De um brinquedo pra uma tristeza. Tudo rápido, no demorado da infância. O pai chegava, *Olha o que eu trouxe pra você?*, e abria a mão: um punhado de balas Chita! O mundo, então, era aquele sabor em minha boca, eu concentrado em mastigar, querendo outra, e mais outra, satisfeito de estar ali, fiel ao meu instante. Mas então a mãe lembrava, *Você fez a lição de casa? Deixa eu ver!* Num salto, eu mostrava minha letra miudinha no caderno, *Ó, passei tudo a limpo aqui, ó!*, e nem ligava mais pra Chita, só queria ver se a tarefa estava correta e pedia pra mãe conferir, enquanto tirava com o dedo o resto de bala grudada no dente.

Meu irmão me chamava, *Vamos ver desenho!*, e ligava a tevê, nós dois sentadinhos no tapete, como índios, eu já esquecido do que não via, tomando cuidado pra continuar lá, um olho n' *A Pantera Cor-de-Rosa*, outro pela sala à caça de novidades. Um caminhão de carga passava lá fora – a gente sabia pelo barulho do motor –, saíamos correndo, num empurra-empurra, e, debruçados na janela, víamos o caminhão se arrastando, ruidoso. O silêncio logo vinha, devagarzinho, até se chegar, todo. E, adiante, as casinhas de sempre, a gente ali gastando o olhar com a noite que descia do céu. O óleo quente chiava na cozinha, no ar o cheiro de bife que a mãe fritava. Eu voava pra cozinha, entregue inteiramente à minha fome, *Cuidado, fique longe da frigideira!*

Assim era um dia, o outro também: eu despertava, me enfiava no uniforme e no menino que me cabia, o café da manhã vinha a mim, eu e meu irmão indo pra escola, o caminho um sobe e desce que andava em nós; na rua pensávamos no encontro com os amigos no portão; no portão já íamos rascunhando o que aprenderíamos na sala de aula; na sala de aula já recolhendo o tempo, como uma

corda, pra trazer mais rápido o recreio – e nele viver pequenas alegrias. Eu queria crescer logo, trocar a minha pele de criança por uma de homem...

Fascinava-me tudo o que, de súbito, surgia à minha frente. Mas não o desvelar de seu mistério! Por isso, quando a professora explicou que aquela flor, igual a tantas no jardim das casas, era uma monocotiledônea, foi um susto! Eu só sabia da flor no vaso da mãe, depois que eu colhia e dava pra ela. E aí, um dia, outro susto: o relógio de pulso do pai. Ele retirou a tampa com uma pinça, eu e meu irmão de olho, fungando curiosidade, e, *Nossa!*, eis aquelas peças todas, pequeninas, a brilhar, umas fabricando o tique-taque, outras, represadas no silêncio.

Então, numa manhã, veio do Rio de Janeiro a tia Imaculada e com ela a prima Teresa, que eu não conhecia. Chegamos da escola, a tia na cozinha ajudava a mãe a fazer o almoço, *Oi, oi*, beijo em mim, beijo em meu irmão, ele já indo guardar a mochila, eu ali, e lá no quintal ela, Teresa, menina. Vi, feliz, a novidade, mas, em seguida, desvi. Ia pegar a direção do quarto, quando a tia disse, *Vai falar com a sua prima, e a mãe, Deixa de ser bicho do mato*, e aí eu fui, meio resignado, meio à vontade. A Teresa estava lá, calada, à sombra da mangueira. Tão calada que eu pensei, mesmo sem sermos íntimos, *Ela tá triste*. Eu nem sabia ler a tristeza nas pessoas. Eu ainda errava no meu olhar. Mas aí eu me acerquei, no máximo de meu quieto, como se dizendo, *Oi, eu tô aqui*. Ela mirava o chão, sincera com as formigas. Ergueu a cabeça. Sorriu. Na minha impaciência, eu ia correr com as palavras, oferecendo um assunto pra nós. Mas, estranhamente, senti uma calma, quase de sono. Olhei bem pra ela. Pra ver tudo, nos detalhes. A cor dos olhos, o nariz arrebitado, a boca bonita, os dentes brancos clarinhos, tudo o que, pra mim, era o jeito dela. E, foi aí, de repente, que eu perdi toda a pressa do mundo.

DEVAGAR

O homem estacionou o carro no subsolo, pegou a bolsa e o buquê de rosas que comprara de um vendedor no semáforo e subiu para o oitavo andar.

O dia de trabalho ficara para trás, anestesiado pelo esquecimento provisório.

E, quando ele saiu do elevador, deu com a mulher à porta do apartamento, as mãos na cintura, como se tivesse nascido ali só para esperá-lo.

Certamente, ela vira, pela janela, o momento em que ele entrara com o carro na garagem do prédio.

Ele estendeu o buquê e, feliz com o sorriso que ela lhe abria, *Flores? Pra mim?*, abraçou-a, convicto de que, depois de atravessar um expediente turbulento, teria a sua cota de paraíso.

Entraram no apartamento, em silêncio, o toque de sua mão no ombro dela dizia, *Esta é minha mulher e eu voltei pra ela*, e, enquanto a observava colocar as flores num vaso, (não eram monocotiledôneas, pensou) sabia que ela, sem se valer das palavras, estava dizendo, *Este é o meu homem e ele voltou pra mim*.

A sala, as cortinas abertas, lá fora o céu escurecendo devagar – como a vida deles, do menino, de todos –, a mesa posta e os móveis, em seus lugares, diziam, numa única voz, *Tudo está em ordem*.

E, mesmo que fosse uma ordem interina, era uma bênção: nada de especial estava em curso, apenas o reencontro de um homem e sua mulher, ao fim do dia, e era aí, na simples volta de um para o outro, que se dava o milagre.

A mulher lhe acariciou os cabelos, como se a mecha que caía sobre a testa a impedisse de ver se o rosto flutuante em

sua memória coincidia com o de seu marido, atual, diante dela.

Ele se manteve quieto, entregue ao seu pejo, mas seguro de que aquele afago buscava recongrá-lo para ela; o mundo, durante o dia, desfigurava-o, e, à noite, por meio daquelas mãos, ele se refazia.

E o menino, perguntou?

Já está dormindo, ela respondeu. Estava muito cansado. Jogou futebol hoje na escola.

Mas está tudo bem?,

Sim, está tudo bem. Quer uma cerveja?

Não, obrigado.

E, então, fez um comentário sobre o trânsito, ao qual ela emendou um episódio familiar, outra arte do garoto.

E, de fatos em fatos, mínimos, conversaram alguns minutos, até que ela disse, *Vai tomar o seu banho, ele aquiesceu com a cabeça, tirou os sapatos, Já vou.*

Passou pelo quarto do filho e ficou a observá-lo dormindo.

Acariciou-o apenas com os olhos, receoso de que o toque de suas mãos, mesmo de leve, pudesse despertá-lo.

A vida era devagar.

Poderia ser mais devagar ainda.

Porque o menino logo atingiria o ponto do caminho onde o homem que ele seria o esperava.

No banheiro, despiu-se, entrou no box e abriu a torneira.

A água caía mansa, lavando a cruz que em suas costas se aderira como uma tatuagem. Sentia-se refém daquele corpo, que o diferenciava dos demais, o corpo que sua mulher reconhecia como o de seu homem, e o menino como o de seu pai.

E enquanto lavava os cabelos, os pés, os braços, ele pensou na mulher, esquentando o jantar; e, quando já se vestia no quarto, de costas para a porta, sentiu a presença dela – aqueles passos, como se tivessem silenciadores, abafavam o alvoroço do seu coração.

Foi à cozinha, mirou-a, curvada sobre o fogão, as espáduas frágeis, os cabelos castanhos, tão desprotegida, tão dele.

Quando se aproximou, ela se voltou, como uma árvore cujos galhos se movem antes do vento soprar, e disse o que se diz quando não é preciso dizer nada, *Pronto?*

Sem o que responder senão o óbvio, ele disse, *Sim*, e foi abrindo a tampa das panelas, sorvendo com prazer o cheiro bom da comida.

Jantaram sem pressa, reacostumando-se um à companhia do outro, comentando as notícias do mundo (os quilômetros de congestionamento na cidade) e as deles, uns assuntos comuns, que logo seriam enterrados por outros, mais vívidos, e as palavras vinham e voltavam, ocupando o espaço daquilo que eram eles mesmos lá no fundo – o silêncio.

Como noutras noites, estavam juntos, novamente, nem atentos nem desatentos para o ar que entrava e saía de seus pulmões, apenas permitindo que entrasse e saísse, devorando a casca do instante e seguindo rumo ao passado.

De um a outro fluía, na conversa, o que eles sentiam e pensavam, *Não diga?; Você viu?;*

Não sei; Pode ser;

Quer mais?; Não!;

Posso recolher?; Pode;

Estava bom?; Estava ótimo!

Em seguida, ele a ajudou a retirar a mesa e se ofereceu para secar a louça, *Hoje não precisa*, mas ele insistiu, para poupá-la, e ela, com a mesma intenção, disse, *Num minuto eu limpo tudo*, e já que um dos dois teria de ceder, ele se sentou no sofá com um livro, à luz do abajur, e, durante algum tempo, ouviu-a na cozinha, lavando e guardando os pratos, os copos, os talheres.

Em seguida, ela foi para o quarto do casal, dali para o quarto do menino, depois ao banheiro, e, por fim, retornou à sala.

Ele não reparou no que ela fazia, mas imaginou que punha ordem na casa, ajeitava umas coisas aqui e ali, esquecida dele;

e, ele, com o livro aberto, agia do mesmo modo, fingindo que não a notava.

Mas,

de repente, como se encontrasse a chave capaz de igualar a sua percepção à voltagem do universo – e, assim, atingir um ponto acima daquele que a realidade lhe permitia –, ele se pôs a escutar atentamente os passos dela, vagarosos, de lá para cá.

E, então, sentiu que aquele era o momento, e ali, junto a ela e ao menino, o único lugar no mundo onde desejava estar.

LEITURA

Naquela época, eu estava aprendendo a ler e a escrever e me encantava descobrir como uma letra se abraçava a outra para formar uma palavra, e como as palavras, úmidas de tinta, ganhavam um novo rosto, quando escritas no papel. Pra mim, as letras nasciam encaracoladas como gavinhas e, na hora de abrir a cartilha e juntá-las, eu sempre gaguejava, rasurando o silêncio. Meu irmão, mais avançado no mundo da leitura, ria às soltas, zombando dos meus erros. Uma tarde, ao ouvi-lo caçoar de mim, minha mãe o lembrou das dificuldades que ele tivera e disse, *Você também errava muito!* e afirmou que aquele bê-á-bá era apenas o começo, um dia eu e ele iríamos ler não só as palavras, mas tudo ao nosso redor, inclusive as pessoas.

Achei engraçado aquilo que ela disse, como é que seria ler as pessoas? Meu irmão ficou me olhando, surpreso, eu feito um espelho no qual ele se via, coçando a cabeça. Então eu era um livro, ele outro, minha mãe outro, o pai também? E todo mundo uma escrita, com suas letras, seus pês e bês, seus capítulos? Éramos pra ser folheados, lidos e relidos? Vendo-nos atônitos, ela moveu os braços, como se espantasse galinhas, e disse, *Logo vocês vão crescer e entender!*

E, enquanto crescíamos, quase sem perceber, eu e meu irmão jogávamos futebol no quintal de casa. As folhas de zinco, que serviam como porta da garagem, eram um dos gols; a parede da edícula, entre duas portas, o outro. Cada um de nós era seu próprio time, tinha de driblar o adversário, cruzar pra si mesmo, fazer o gol, defender-se. Nossa única plateia era minha mãe e a Dita, lavadeira, que apartavam as nossas brigas, já que éramos também os juízes do jogo, e cada um apitava sempre a seu favor.

Tínhamos um torcedor especial, Seu Hermes, nosso vizinho e, embora ele não visse o jogo, sempre sabia a quantas andava a

disputa. Nós gritávamos o tempo todo, narrando as nossas jogadas, um provocando o outro, troçando de uma meia-lua, um carrinho, um chute de trivela. E, é claro, ele ouvia tudo do fundo de sua casa. Seu Hermes era um homem dos quietos. Meu pai comentara que ele fora soldado na Segunda Guerra e, depois de voltar, dera pra recuperar rádios quebrados e cuidar de seus passarinhos. E ele tinha mão pra tirar as coisas do silêncio, afagar asas, avivar cantos. Construíra um viveiro de canários fantástico: vinha gente do país inteiro admirar a sua criação. Pela manhã, ele pendurava fora de sua casa, onde batia a sombra de uma jabuticabeira, as suas gaiolas de alumínio e madeira. Por cima do muro, a gente podia ver os pássaros-pretos, os azulões, os coleirinhos, os martins-pescadores, uns mais bonitos que os outros, cantarolando até à tardinha.

Minha mãe dizia que Seu Hermes tinha coisa com São Francisco, não podia ser de gente, só humano, aquele poder de atrair os passarinhos, e contou que ele uma vez abria as gaiolas mas nenhum voara: ficaram todos ali, a comer frutas em suas mãos e a bicar seus dedos. De vez em quando a gente o via, abastecendo de água um recipiente, despejando alpiste, saindo e entrando da cozinha, manso, ele só ele. Quando a bola caía em sua casa e regressava com o raiar de seu rosto rente ao muro, Seu Hermes nos abria um sorriso que não sabíamos se era de sim ou não pras nossas estripulias. Não jogávamos às rasteiras; gostávamos de nos exhibir com um chapéu, uma folha seca, um lençol, e aí a bola saía do casulo, ia aérea, queria borboletear e, em seus desejos de céu, ultrapassava o muro e caía do outro lado, espantando a passarinhada que se alvoroçava nas gaiolas.

Vieram as férias, chamamos o Paulinho, o Lucas, uns garotos da vizinhança, e montamos dois times, o quintal virou quadra de pelada, e a bola toda hora caía do outro lado. Seu Hermes devia ouvir com gosto as partidas, querendo sua continuação, porque logo a devolvia, lépido, serviçal. Uma manhã, dona Elza, sua mulher, veio reclamar; a bola estava quebrando seus vasos, matando suas samambaias de metro e as violetinhas que cresciam à sombra da jabuticabeira. Meu pai então mandou aumentar o muro.

As aulas retornaram, eu e meu irmão voltamos às nossas partidas solitárias, um contra outro, cada um o seu time inteiro, e a bola, rebelde, fugia pra casa de Seu Hermes. Ficávamos a apostar onde ele ia atirá-la de volta, se num extremo do muro, perto da mangueira, se lá embaixo, junto à edícula. Nós ali, cheios de silêncios, no aguardo e, de repente ela, a bola, saltava de lá, pelas mãos dele, e quicava no cimento, à procura de nossos pés.

Tudo ia bem, até que meu pai soube por dona Elza que Seu Hermes andava acabrunhado, as pernas bambas, emagrecendo. Chamaram o médico, deram-lhe uns remédios e recomendaram repouso. Eu e meu irmão continuamos nosso futebol, contidos na gritaria, sentindo que coisas estranhas rondavam, mas ainda inaptos pra entendê-las. E, mesmo com o muro mais alto, a bola teimava em cair na casa do nosso vizinho. A demora na sua devolução se ampliara e, às vezes, nos afligia. Mas, de repente, ouvíamos os passos vagarosos de Seu Hermes, e lá vinha ela, alva no ar como uma pomba, aterrissando feliz em nosso quintal.

Um dia o céu escureceu subitamente; a manhã virou noite, e o temporal desabou, uma aguaceira dos demônios, os relâmpagos rabiscando o céu, a ventania partindo galhos de árvores, uma coisa de dar medo. Depois, milagrosamente, raiou um sol cor de sangue que chupou as águas da chuva e, à tarde, tudo seco, eu e meu irmão fomos jogar futebol, escondidos de minha mãe que ralhara conosco, não devíamos aborrecer a dona Elza, o Seu Hermes, tão doente...

Começamos macios, mas logo a partida ferveu e, como sempre, um deu de provocar o outro, drible desse, careta daquele, gol lá, gol cá, a bola querendo subir, passarilhar nas alturas, desengaiolada, e então, na tentativa de me dar meia-lua, meu irmão errou o chute e ela caiu na casa de Seu Hermes. Os passarinhos se agitaram, um canário deu uns trinados, satisfeito com o sol, o frescor da tarde e, como um rastilho, seu canto se espalhou, e a passarada começou a cantar forte, uma gostosura de se ouvir.

Nós ficamos ali, de olho num extremo e noutra do muro, à espera da bola, imaginando em que ponto ela cairia. Mas o tempo foi passando, a sombra da jabuticabeira crescendo do outro lado, e

eu e meu irmão nos olhamos fundo, fundo, em silêncio. Como no *replay* de um lance, lembrei daquelas palavras da minha mãe, que um dia ainda iríamos ler as pessoas. Apesar de imóveis ali, havia poucos minutos, eu sabia, e ele também, que Seu Hermes nunca mais poderia nos devolver a bola.

ESCRITURA

Era final de campeonato, o homem ia assistir ao jogo na casa de um amigo, haviam combinado por telefone, *A que horas?*,

A hora que você quiser!,

Levo cerveja?,

Não, não precisa,

estavam ambos felizes com o reencontro, há tempos não se viam, e era ideal ele ir direto do trabalho para lá, assim, a mulher ficaria tranquila, no apartamento, com o menino, e ele não perturbaria o sono dos dois com seus gritos de torcedor, àquela noite seu time poderia se tornar campeão e, mesmo sendo quem era – um homem contido –, não havia como represar, diante de tal perspectiva, a alegria prestes a inundar a sua vida.

Era uma noite de decisão, como se diz, embora todas as noites e dias o fossem, ainda que não de igual consequência, a ecoar, dali em diante, o seu bem ou o seu mal, (miúdas eram as decisões cotidianas, quase nem as sentia, mas elas, movendo os fatos como um rio, iriam, adiante, desaguar em momentos maiores).

Talvez por isso, depois de telefonar para a mulher e saber, por ela, que o menino estava com febre, *Quer que eu vá pra casa?*, ele perguntou, e ela,

Não, já dei o remédio, Tem certeza?, Tenho, logo ele melhora!,

Se precisar de algo, me ligue,

e porque o trânsito fluía mais lento, como se represando o mundo para facilitar a imersão dele em si mesmo, o homem se lembrou de uma tarde de sua infância, quando vivera uma situação semelhante, ao disputar a prova de salto em altura no

campeonato estadual: igual àquela vez, era óbvia a iminência de algo grande, já anunciado (a vitória ou a derrota), mas, estranhamente, ele sentia o ar saturado de um mistério alheio ao jogo que, em minutos, começaria, era uma escrita em progresso, que ele não sabia decifrar, não porque ignorasse a sua linguagem, – ela, ainda, estava indefinida.

Às vezes, captava, em meio à normalidade, quando a vida, com um abafador, sufocava suas explosões, uma onda negra, e, embora soubesse – a experiência o confirmara noutras ocasiões – que poderia estar enganado, ele tinha a certeza de que uma dor estava a caminho, e, daí em diante, bastava esperar pela sua chegada, para confirmar (tristemente) ou não (com algum alívio) o seu pressentimento.

Mas, como, às vezes, eram lindos os entardeceres no verão, e, por isso mesmo, quase insuportáveis, obrigando-o a se esquecer deles, ou banalizá-los ao comentar com alguém a sua beleza (deixando que o verniz da palavra rasurasse sua visão), também era uma ordem, defesa instintiva, que seu presságio descesse ao segundo plano, e ao primeiro ascendesse uma sensação de bem-aventurança, porque, apesar de tudo, estava em vias de vivenciar um fato raro.

Vencido o tráfego, ele chegou à casa do amigo quando a noite já era sólida, e, ainda que não só suas feições, mas todo seu corpo, revelassem a euforia típica de uma final de campeonato – o desejo e o medo fundidos –, seu espírito vagava pelo passado; tanto que, ao lado do amigo e de conhecidos que ali estavam, torcedores do Corinthians, conversando diante da tevê, copo de cerveja na mão, ele se lembrou do irmão e de uns amigos da infância, com quem jogava futebol no quintal de casa, e, também, de um velho vizinho, que nunca reclamava quando a bola ultrapassava o muro e estressava, do outro lado, seus passarinhos nas gaiolas.

Logo a partida começou, e as lembranças, egressas do nada, inesperadamente, se aquietaram; o homem, idêntico a todos ali, se viu sugado pelo jogo, e, como aconteceram uns dribles bonitos e umas chances de gol para o seu time, ele

sentiu um discreto contentamento e a vontade era que crescesse – até se transformar, finalmente, na alegria do título conquistado.

Apreciava estar ali, alheio a tudo, a consciência presa naquele agora que, para ser mais prazeroso, não dependia dele, mas dos que corriam no campo, e nada podia fazer senão incentivá-los com gestos e palavras (embora, claro, não o escutassem), quando, de repente, seu celular tocou e, antes mesmo de atender, ele sabia, era a mulher e com ela veio a notícia; a febre não cedera, o menino queimava, *Melhor levá-lo ao pronto-socorro*, ela disse, e, como ele nunca a vira se alarmar, julgou que o filho, de fato, precisava de cuidados, e, contra a vontade, porque, então, a temperatura da partida também subia, (mas, nesse caso, era positiva – e esperada), ele disse, *Estou indo pra casa*,

e ela,

Tem certeza? Eu posso ir sozinha ao hospital, e ele,

Não, eu passo aí e vamos juntos, e ela,

Você quem sabe, e ele,

O trânsito já deve ter diminuído, e ela,

Então não demore, até já.

O homem avisou o amigo, que dele se compadeceu, embora só na superfície, *Puxa, que pena!*, como os demais, estava imantado ao fragor da partida,

mas, acompanhando-o até a porta, tentou animá-lo, *Não há de ser nada*, e ele,

Também acho, e o amigo, *Se precisar de algo, me ligue*, e ele,

para reconduzi-lo à órbita daquele bom momento, disse, *Ligo pra gente comemorar o título*; o amigo deu-lhe, então, um abraço de torcedor, cúmplice dos destinos de seu time, mas não, obviamente, dos problemas alheios, e concordou, *É isso mesmo, vamos ganhar!*

O homem se meteu velozmente por uma avenida iluminada; o trânsito, por sorte, minguara; o jogo não era ali, na

sua cidade, e, uma vez em curso, as ruas haviam se esvaziado, mesmo aqueles que não torciam para nenhum dos finalistas, à falta de programa melhor, estavam com a tevê ligada na decisão.

Quando se aproximou do prédio onde morava, o homem ligou para a mulher e pediu que o aguardasse na garagem com o menino; apanharia os dois ali mesmo, no subsolo, de lá seguiriam para o pronto-socorro, *Já estamos descendo*, ela disse, e, de fato, mal ele entrou na garagem, mãe e filho saíram do elevador e vieram em direção ao carro.

Ela preferiu ir no banco de trás com o garoto, não só por ser mãe zelosa, mas para tentar diminuir o desconforto dele, e, apesar de ir à frente, sem ninguém ao seu lado, o homem achou sensata aquela decisão, lá, atrás, ela tomava a temperatura do filho com o dorso da mão e sussurrava-lhe umas carícias.

Reparou, quando os dois se ajeitaram no banco e, depois, pelo retrovisor, que o menino parecia realmente doente; pela manhã, antes de ir ao trabalho, ele o encontrara no chão do quarto, distraído-se, feliz, com seus brinquedos – e, de repente, a realidade ondulara, substituindo aquela vivacidade pelo abatimento.

Vamos lá, campeão, disse e completou, *você já vai ficar bem!*

O filho não se moveu, agarrado à mãe, que respondeu por ele, *Acho que é dor de garganta*, e, afagando-lhe os cabelos, emendou, *dói até pra engolir a saliva, não é, querido?*

não só porque ela tivera, ao longo da vida, o mesmo problema – inevitavelmente ele o herdara –, mas, talvez por acreditar que, falando da dor do filho, a trouxesse para si e nele a reduzisse.

Seguiram, em silêncio, até o hospital; no percurso, o homem observava, de relance, mãe e filho unidos no escuro, formando um único corpo, e, em simultâneo, procurava sinais que pudessem expressar o andamento do jogo: algum grito,

foguete, carro a buzinar insistentemente, em comemoração a um gol, mesmo se da equipe adversária.

Mas nada.

O mundo seguia no seu igual.

Ainda assim, ele continuava a sentir, como daquela vez, na infância, a proximidade de uma revelação.

Enquanto esperavam no pronto-socorro, o filho debruçado no colo da mãe, o homem, com o radar ligado, lia as pessoas ao redor, tentando descobrir quem ali era doente, quem acompanhante, desviando-se de pensar naqueles que, em quartos de uti, nos andares acima, estavam morrendo.

Então, guiado por uma força antiga, mas há muito em repouso, ele se virou para a mulher, a mirá-la junto ao menino, consolando-o com a sua placidez, embora soubesse o quanto ela se lacerava para manter aquela aparência despreocupada – e, de súbito, sentiu o quão rápido o tempo se escoara para eles, ainda ontem um casal jovem; os dois envelheciam velozmente, mesmo se imperceptível aos olhos diários, e o que antes ao homem figurava normal, o lento da vida, ganhava agora uma estranha urgência, ele, inesperadamente, estava impaciente, não apenas para que atendessem o menino, minorando a sua aflição, nem para que o jogo se resolvesse logo, mesmo com a derrota de seu time, ou para que retornassem à casa – e se atirassem à inconsciência do sono, não,

era mais que um sentimento de ação imediata, o retorno a um estado de suspeição; ele captara um alerta, no suave mutismo da mulher, a consolar o filho, *Calma, querido*, e, por um instante, sentiu que ele, pai, era apenas um apêndice, uma sobra naquela cena.

Mas tal sensação se recolheu, inteira, com a voz do médico que, à sala de espera, chamou pelo menino.

E, nesse preciso momento, espocaram seguidas saraivadas de foguetes, indício de que havia saído um gol.

O segundo tempo, calculou, olhando o relógio de pulso (sempre aquele misterioso mecanismo) já devia estar pela metade, em breve a partida terminaria.

No consultório, enquanto assistia ao médico fazer o exame, observava a mulher explicando, com despreendimento, o que, na opinião dela, incomodava o filho, e se lembrou daquelas noites em que chegar em casa, para estar com ela e o menino, era tudo o que desejava.

Sim, o garoto precisava de cuidados, o médico disse, haviam agido bem, trazendo-o ali, e estendeu a receita, um anti-inflamatório, bastava comprá-lo e seguir as orientações, *Amanhã, ele estará melhor.*

O homem foi até o estacionamento e, de lá, passou à porta do pronto-socorro, onde a mulher e o filho o esperavam – e ambos, novamente, se acomodaram atrás, no carro.

Seguiram para casa.

O silêncio sangrava, entre eles, feito uma ferida; o menino, entregue, cabeceava de sono no colo da mãe.

Quando se aproximavam da farmácia, uma longa explosão de fogos de artifícios rasgou a quietude da noite.

O homem voltou a pensar naquele vizinho, a devolver a bola que ele e o irmão jogavam, sem querer, do outro lado.

Sabia,

era uma certeza visceral, que o seu time havia ganho o campeonato, – e sabia, também, mirando pelo retrovisor o vulto único no banco de trás, que uma perda, lá adiante, o esperava.

NUNCA MAIS

Meu pai ficava o dia inteiro ausente, trabalhando. Viajava muito; às vezes passava dias fora de casa. Aparecia lá pelas oito da noite, cansado, sujo, mas sorrindo. Quase sempre chegava fedendo a suor. Tinha que descarregar mercadoria pesada. Eu e meu irmão gostávamos de nos sentar ao seu lado, enquanto minha mãe servia o jantar. Ela esquentava a comida em banho-maria e ele ia comendo pão com azeite, perguntando pra gente como estávamos indo na escola. Contava sobre o trabalho e, quando minha mãe não estava por perto, perguntava se lá embaixo já estavam crescendo pelos.

Depois que comia, sentava-se ao lado de minha mãe no sofá. A gente ficava até as nove horas, ligados na tevê e na prosa deles: mais estudantes haviam desaparecido, era um falso milagre econômico, o homem tinha mesmo chegado à Lua? Era bom ver que os dois se queriam, nós ali juntos, uma família – assim eu queria que fosse, sempre. Mas, de repente, *já pra cama*, o pai dizia, e, daí em diante, não tinha mais conversa, nem programa pra criança ver.

Numa manhã de sol aconteceu comigo e com ele uma coisa, dessas que a gente não fala nunca mais, mesmo depois de muitos anos aquilo fica em segredo.

Eu estava de férias, jogando bola com meu irmão no quintal, quando ouvimos ele chamar. Falou se a gente não queria ir com ele trabalhar, já que não estávamos fazendo nada mesmo, ia ser rápido. Eu logo pensei que minha mãe devia ter falado que passávamos o dia desarrumando a casa e que as nossas férias eram o tormento dela, e, portanto, que carregasse a gente com ele. Meu irmão disse que ia ajudar o tio Zezo a consertar o telhado lá na casa dele. Eu falei, *Eu vou*. Gostava de sair com meu pai, ele ficava o tempo todo entrando e saindo de armazéns. Subimos na perua Kombi e meu pai gritou, *Vamos voltar pro almoço*, minha mãe abanou a mão, sabia que ele prometia, mas nunca chegava na hora.

Deu a partida e falou que íamos num armazém, não demoraríamos nada. Falou que a mãe dizia que eu estava muito quieto, saía aos sábados sozinho, não me juntava aos amigos. Então, perguntou se eu tinha brigado com algum deles, se alguém tinha zombado de mim e por isso eu me isolara. Engoli seco, eu gostava de falar besteira com meu pai, ouvir o jogo do Corinthians com a orelha pregada no rádio, gritar filho da puta quando alguém da zaga furava ou quando um atacante perdia o gol, e aqueles assuntos me incomodavam. Meio gaguejando eu disse que não, eu gostava mesmo de andar sozinho pelas ruas e, às vezes, me encontrava com o Paulinho, o Lucas, aí a gente ia tomar uma Coca-Cola no Bar do Ponto, ele podia perguntar pro Seu Mané que era conhecido dele. Meu pai sorriu, satisfeito, seus olhos faiscaram, e ele tornou a dizer que se fosse qualquer problema com amigo eu podia contar.

O sol das onze da manhã batia no vidro da Kombi. Passamos pela igreja matriz, pela sorveteria na rua Quinze, e, quando chegou numa esquina, meu pai estacionou. *Vamos lá*, ele disse, *em meia hora a gente resolve o negócio*. Desceu, abriu a porta detrás, remexeu numas mercadorias que estavam ali espalhadas, pegou a bolsa e fechou a porta.

Era um secos e molhados muito velho, com largas portas de madeira, um casarão escuro e na hora eu gostei porque era meio estranho. A gente entrou e todo mundo acenou pro meu pai. Os homens o cumprimentaram com abraços fortes e tapas nas costas que estrondavam. Meu pai pediu um Guaraná pra mim e uma Caracu pra ele. Eu peguei o Guaraná e fui circular pelo armazém. Tinha um monte de coisas que eu gostava: mastigar amendoim cru, cuspir arroz fazendo pontaria, mexer nas ferramentas e nos chapéus. Os homens estavam tratando de negócios e eu fiquei longe pra não atrapalhar. Já tinha ido com meu pai a muitos lugares e sabia que quando ele queria falar de negócio, não gostava que eu ficasse por perto pedindo isso e aquilo.

O secos e molhados era um mundo, enorme, eu me perdi lá dentro. Gostei de circular de um canto a outro, mas já tinha quebrado um vaso, roubado um punhado de quirela pra dar às

pombas, tinha lido os rótulos de uma porção de produtos e a conversa lá não terminava. Percebi que as vozes se alteravam e escutei a do meu pai apertada, mais baixa que as outras. Não sei por que, em vez de ver o que estava acontecendo, me escondi atrás das prateleiras e tentei ouvir o que eles diziam. Não entendi nada, mas pelo tom da conversa, percebi que meu pai estava triste. Os homens gargalharam, assobiaram e não ouvi ele dizer mais nada. Andei devagar, espreitando, ao redor dos sacos de açúcar e vassouras de piaçava, e vi meu pai encolhido, o sorriso longe de seus lábios, então senti que os homens estavam zombando dele. Me deu uma coisa por dentro, tive vontade de quebrar os vidros e chutar as latas que vi pela frente. O dono do armazém, cigarro pendurado na boca, sorriu, anotou qualquer coisa num saco de papel e enfiou a caneta sobre a orelha. Tinha uma cara feia e, ao mesmo tempo, me deu raiva e dó dele. Vivia no meio daquele lugar que fedia a sabão e fumo enrolado, e na certa estava querendo passar a perna na gente. Os outros homens coçavam o saco, bebiam pinga, comiam salsicha e arrotavam. Eu pensei, esses caras vão passar mal, comendo essas porcarias. Mas então eu fui junto do meu pai, até pensei que ia ralhar comigo, mas ele me abraçou e não disse nada. Os homens silenciaram e logo começaram a discutir futebol. Devolvi a garrafa de Guaraná no balcão e olhei com raiva pro dono. Acho que o homem percebeu, porque ficou sem graça. Meu pai disse, *Vamos, tá na hora*, e pagou a conta, o homem ainda falou que não dava dessa vez, a mercadoria não era boa, que ele compreendesse.

Sáímos. Antes de chegar na Kombi, olhei de rabo de olho e vi, surpresa, que meu pai estava chorando. Na hora eu achei que seria melhor não olhar, até procurei fingir, pra ele se controlar. Eu senti que ele se envergonharia se eu percebesse. Andamos depressa, a grande mão dele no meu ombro, num toque leve, um carinho resignado. Como quem não quer nada, fiz que estava atento ao movimento das ruas, mas vi a dor cobrindo o rosto dele quando o sol cintilou em seus olhos.

PARA SEMPRE

O homem, a mulher e o menino estavam sentados num dos bancos da rodoviária, à espera do ônibus que os levaria às cataratas do Iguazu.

As duas malas, aos seus pés, diziam como diz uma cruz, ou um buquê de flores, diziam um tanto sobre a família, e outro tanto calavam.

E esse não dito, para quem sabe ler os sinais (e ele o sabia desde criança) era um grito, iminente.

Se demorariam horas e horas para chegar à magnífica foz e por isso é que lá iriam, a passeio, dali mesmo eles viam uma torrente d'água desabar para além das plataformas, onde os ônibus entravam e saíam, não a mesma, mas uma outra de igual poder, senão capaz de gerar uma usina de energia, com força suficiente para alagar a cidade, estagnar o trânsito, destruir barracos, eis lá na frente, o que não existia minutos antes, um entulho de destinos humanos em meio à lama – já passam de mil, os desabrigados, a tevê noticiava.

O dia, casmurro, seguia em seus começos; faltava-lhe sol tanto quanto para o homem e a mulher, eles mal se falavam nessa manhã como de hábito, diretamente; por meio de frases trocadas com o menino é que se comunicavam, *Vai, vai com a sua mãe*, o homem dissera há pouco, a voz sufocada pela virulência das gotas que explodiam no teto da rodoviária, e ela, prudente com as palavras, escolhendo-as igual cartas de baralho, na esperança de que lhe mudassem a sorte, devolvera, *Vem, filho, não incomode o seu pai*,

e, mesmo sem que desejassem, (ao contrário) estavam, agora, em mundos distintos, a anos-luz um do outro – eles que um dia os haviam misturado com a fome e a voracidade dos

amantes –, embora ali, lado a lado, seus ombros por vezes se tocassem.

Um vento úmido, com cheiro de óleo diesel, passou por eles e seguiu, em manobras invisíveis, pela sala de embarque. A um canto, passageiros assistiam à tevê, (a greve dos operários de uma montadora de caminhões, um comercial de bala) alheios à história dos dois e à cidade lá fora, cujas ruas o temporal inundava.

Então, como se lhe doesse dizer mais do que aceitar a verdade em silêncio, o homem falou, *É, não dá mais*, ao que ela, de olho no menino e na chuva atrás dos vidros, ia dizer, *Não dá mesmo*,

e o disse, de outra maneira, *Essa viagem foi um erro*, não porque a haviam programado para janeiro, quando chovia às tantas, os dois bem sabiam, mas porque não havia mais motivo para fazê-la: o sonho secara.

A vida a dois, a três, em queda livre.

Você tem razão, o homem disse, *Foi um erro*

(*entre tantos que cometi*, ele ia acrescentar) e baixou a cabeça, mirando os próprios pés e os dela pequenos e inacessíveis nas sandálias (os pés que a revelavam por inteiro mais do que o rosto e o jeito de aceitar a vida sem pedidos), os pés que ele gostava de massagear como uma massa delicada de pão para que ela pisasse com menos pesar no mundo.

Não queria que fosse daquele modo, que bordejassem o assunto num local público, tampouco que fossem fundo ali, até o seu miolo, mas

a certeza há tempos os habitava, e não havia o que fazer contra a brutalidade do real, o que acontece (ele acreditava) é só o que de fato tem de acontecer, no emaranhado das possibilidades apenas uma é inevitável.

Assim também fora com o menino, (que, ali, brincava apoiado nos joelhos da mãe) para chegar lá, ele superara as outras – todas – combinações do acaso que o excluía e viera

dar na única que o resultava, filho desse pai e dessa mulher, que, agora, juntos, contemplavam a tempestade.

Devíamos ter cancelado a viagem, ela disse, em retomada, *teria sido melhor,* e acariciou os cabelos do menino, represando, a muito custo, uma outra enchente que em seus olhos se anunciava.

Você sempre quis ir lá, ele disse, *pra ver a cachoeira,* e continuou, as mãos entre as pernas, *fazer compras,* e concluiu, sem encará-la, *e justo agora... É uma pena.*

Ela ergueu o menino, puxou-o para si e disse, *É uma pena mesmo.*

O homem tentou se manter fixo na normalidade, mas o desalento acentuava os traços em seu semblante. Retirou os bilhetes do bolso e conferiu o horário: o ônibus estava atrasado.

Não sei como fomos chegar a esse ponto, ela prosseguiu, *Nem eu,* ele disse, *mas chegamos.*

É, ela balançou a cabeça, *achei que a gente ainda ia se entender,* e enlaçou o menino, como se esse seu gesto pudesse reter a dor do fim, que ela vinha, há tempos, sentindo aos poucos, mas que, àquela hora, vazava impetuosamente, *Eu também achei, mas não tem jeito mesmo.*

É, não tem.

Ela suspirou: *Queria tanto que desse certo, Deu até aqui... Dez anos. Não é pouco...*

Então, os dois, atraídos, como se pela última vez, para um único e mesmo ponto, observaram, simultaneamente, o menino, fruto e ferida de seu passado: reconheciam o que era de cada um nele já manifesto e imaginavam virtudes e defeitos que talvez o futuro não comprovasse.

Mas, sem saber o que acontecia com eles, embora sentisse um peso entre o pai e a mãe, o menino, içado ao presente, inquieto, o brinquedo sem serventia na mão, perguntou, *Por que o ônibus tá demorando?*

e a mãe, julgando incompreensível para ele a resposta que daria, *Por que a vida é assim,*

disse, *O ônibus já está chegando, filho*, e, como se as palavras dela coincidissem, ao menos naquele instante, com a escrita das horas, um ônibus, de súbito, irrompeu a branca camada d'água e veio estacionar, morosamente, junto à plataforma onde eles esperavam.

O motorista desceu e uns passageiros começaram a se deslocar até lá, arrastando as malas.

E como vai ser?, o homem perguntou, descendo o assunto para o degrau das coisas práticas.

Ela reteve nos braços o menino, que queria se soltar, adiando pensar nos dias vindouros sem um amor, mesmo se agonizante, como aquele, e respondeu, *Não sei, depois a gente resolve*, e ele, *Tudo bem. Não precisamos decidir nada agora...*

Ela permaneceu imóvel, a esperança se movendo rumo ao abismo, e disse, *Parece que é uma mentira o que estamos vivendo*, e ele, obrigando-se a ser bruto, disse, *Mas é a verdade*.

O menino, por fim, desvencilhou-se da mulher e saiu correndo em direção ao ônibus, *Vamos, vamos!*

Ela o seguiu, a passos rápidos, o pai foi atrás, com as malas.

Enquanto ele as colocava no bagageiro do ônibus, mãe e filho entraram e foram se acomodando.

A chuva caía com mais violência, como se precisasse limpar as imundices da cidade para nela inaugurar uma nova vida.

O homem viu uma velha Kombi passar lá fora: lembrou-se criança, junto a seu pai, num secos e molhados.

Agora, doía igual.

Subiu no ônibus e foi, enfim, à procura de seu lugar. A mulher e o menino haviam ocupado as duas poltronas da esquerda. Ele sentou na mesma fileira, do outro lado. Um corredor os separava. Ia ser assim, dali para sempre.

DIA

E, enquanto aprendia a ler as pessoas, dentro e fora da escola, eu descobri outros esportes, não imaginava que eram tantos, jogar futebol com meu irmão e o Paulinho já tirava o mundo dos meus olhos, eu me entregava inteiramente ao jogo, como se vivesse só pra estar lá, fazendo e evitando gols. Foi o Urso, professor de educação física, quem me levou a gostar de salto em altura – ninguém acreditava que eu, pequeno, conseguiria saltar mais que os meninos maiores, mas era verdade: eu despegava fácil do chão, erguia a perna esquerda como um elástico e lançava o corpo sobre o sarrafo, no estilo “tesoura”, sem medo de me machucar ao cair na caixa de areia.

Então, comecei a treinar forte com o Urso e a pular bem mais alto, o Lucas até começou a me chamar de Sapo, *vai, Sapo, dá aquele seu pulo pra gente ver*, mas eu nem liguei e o apelido não pegou. O Urso era do silêncio, igual o Seu Hermes, mas quando falava, fazia a gente se melhorar, eu lembro bem de suas palavras, que o segredo de um bom salto não tava na corrida nem no impulso, mas na concentração, *Fique olhando o sarrafo sem pressa*, o Urso dizia, *você vai ver que, de repente, ele desce, e aí é a hora de saltar!*; eu, no começo, duvidava, sarrafo nenhum iria se mover, nem pra baixo nem pra cima, mas, depois, foi justamente seguindo o conselho dele que alcancei a minha melhor marca. Eu ali, os olhos presos no sarrafo e – de súbito, a mágica! –, o sarrafo se moveu, lentamente, como o ponteiro pequeno do relógio, eu pude captar a sua oscilação pra baixo e, então, corri, então saltei, e ultrapassei o sarrafo, que estremeceu com a brisa do meu corpo, *Maravilha, maravilha*, o Urso gritou e veio, com seus braços peludos, festejar comigo.

Eu treinava duas vezes por semana e, sempre, o Urso repetia, *Se você saltar mais quinze centímetros, eu te levo pro campeonato*

infantil, e começou a me ensinar a saltar de barriga, igual “peixinho” no futebol, e, aos poucos, eu fui aprendendo a pular também daquele jeito, até atingir o meu recorde, que não era lá grande coisa, mas o Urso disse, *Com esta marca, já dá pra te inscrever!*. E ele cumpriu o prometido, arrumou toda a papelada e, daí em diante, passamos a treinar quatro vezes por semana; pra mim, era uma mistura de desafio e diversão, mas minha mãe não estava gostando daquilo, principalmente quando eu chegava imundo, o joelho esfolado, a mão roída pelos pedriscos da areia.

Meu pai não ligava, desde que eu não descuidasse das lições; ele, que não pudera terminar o segundo grau, vivia dizendo, *Sem estudo, ninguém vai pra frente*, e, apesar de gostar de futebol, fanático pelo Corinthians, curti corridas de longa distância, e falava sempre de um tal de Zatopek, *Este, sim, foi um campeão!*. Quando me via voltar feliz do treino, me incentivava, *Parabéns, filho!, você vai longe...*, e, se eu chegava cabisbaixo, me ataçava, *Não desanime, não desanime!*. Lembro um dia em que minha mãe, à mesa do jantar, depois de me dar uma dura por eu ter voltado do treino à noitinha, declarou que preferia me ver praticando, como meu irmão, algum esporte coletivo, *Pelo menos você tá no meio dos amigos*, e o pai, mastigando uma fatia de pão, comentou, *Na hora do vamos ver, a gente tá sempre sozinho*.

O pai estava me lendo bem, não dissera aquilo apenas pelo meu empenho no salto em altura, não, na certa ele percebia o quanto eu andava só depois que a prima Teresa voltara pro Rio. Ela e a tia Imaculada tinham vindo passar o mês de julho com a gente, mas, estranhamente, nem deram duas semanas e elas retornaram pra lá. Eu nunca soube direito o motivo, *Por quê? por quê?*, perguntei, com insistência pra mãe, no dia em que partiram, como se alguma explicação, *Porque o tio Carlos precisou delas*, ou, *porque aqui não tem nada pra fazer*, fosse mudar o rumo das coisas. Eu ainda ignorava que os fatos eram o que eram, e de nada adiantaria conhecer as razões que os determinavam, eles jamais seriam alterados. Não supunha que se pareciam com o sarrafo nas traves: a gente passa ou não passa por ele, não tem outra opção. A mãe me

consolava, *Elas vão voltar no Natal*, mas o Natal, pra mim, era um tempo que jamais chegaria.

Foi aí que, uma noite, na hora de dormir, lembrando o sorriso da prima Teresa, eu me dei conta de que não adiantava lamentar, eu só iria mesmo pra frente se a esquecesse. Resolvi então esvaziar os meus olhos dela e, silenciosamente, inundei o travesseiro. Chovi nele toda a tristeza que eu tentava disfarçar (e o pai percebera) e, no dia seguinte, me atirei com mais dedicação aos treinos: eu estava só, diante do sarrafo – e era melhor mesmo que estivesse!

Mas todo começo é grande, está numa altura acima de nós, e só se a gente continuar, se persistirmos no caminho, é que o superamos – e aí dá pra subir mais o sarrafo. Eu ainda sentia muito a falta da prima Teresa, nós dois lá no quintal, à sombra da mangueira, distraídos, *O que tem lá no Rio, prima?; Tem o mar; Que passarinho é aquele, primo?; É um coleirinho; Qual a sua cor preferida?; Azul e a sua?; Azul também;* a gente naquelas conversas, e o mundo, ao nosso redor, no freio. Era tudo devagar, pra eu ter a prima Teresa um tempo maior, comigo; sua volta pro Rio seria lá adiante, numa manhã remota, na qual o Sol se recusaria a arder, nenhuma janela abriria nesse dia – assim eu pensava, assim eu queria.

As aulas tinham terminado, fazia um friozinho gostoso em julho, tão bom era acordar e viver até a noite com a prima Teresa, quando, então, vinha o tempo de estar com ela, de outro jeito, recordando, na cama, os momentos que havíamos passado juntos. Ninguém tinha nascido em mim daquele jeito, e me habitado sem fazer força, e, assim, ela coincidia, do lado de fora, com aquela que ia dentro do meu pensamento. Eu captava uma expansão em tudo, na conversa das pessoas, no movimento das ruas, nos farrapos de nuvens ao entardecer, eu mal sabia que estava me alargando. Mas tinha uma certeza: era a primeira vez que sentia aquilo – nenhuma seria superior, e isso eu só fui descobrir anos depois; todas as outras avalanches que vivi não foram mais do que cópias daquela.

Eu me coleí na prima Teresa, e ela em mim, o tempo todo: se a brincadeira era de esconde-esconde, corríamos juntos pro mesmo esconderijo, e se achavam um, lá estava o outro; na queimada, eu

deixava que me matassem pra que ela continuasse viva; naquela festa junina, na casa do tio Zezo, eu e ela pertinho da fogueira, o rosto sujo de felicidade. O Lucas até reclamou, várias vezes quis empinar pipa, e eu nada, *Então eu vou sozinho e não te chamo mais!*; meu irmão e o Paulinho, *Vamos pegar vaga-lume?*, e eu, *Não, vou ficar por aqui*, e ficava; eu e ela na soleira da porta, vendo o mundo na mesma tela, igualzinho num filme.

Mas aí a prima Teresa foi embora e, mesmo que não tivesse culpa pelo seu retorno abrupto ao Rio, eu estava dolorido com ela. Era hora de apagar as lembranças e me lançar sobre o futuro o mais alto que pudesse. *Vamos, se concentre*, gritava o Urso, *você vai ver o sarrafo baixar*, e, assim, colocando o sarrafo nos meus olhos no lugar da prima Teresa, eu fui melhorando a cada dia a minha impulsão no salto em altura.

Chegou setembro, e também as provas do campeonato infantil – que seriam num estádio em Ribeirão Preto. Fomos pra lá num ônibus fretado, era dia de semana, e os meninos mais velhos, que também iam competir, fizeram algazarra a viagem inteira – talvez pra esconder o medo do fracasso –, mas o Urso, na primeira poltrona, o Urso nem ligava, o Urso até sorria. Quando chegamos lá, vi dezenas de ônibus estacionando ao redor do estádio e uma multidão de garotos saindo deles, alguns calados e atônitos com o movimento, outros, a maioria, falando alto, às gargalhadas. Era um muito pra se ver, e eu não dava conta de me prender todo naquele acontecimento que se abria, sendo eu também parte dele, e, aí, achei melhor ficar perto do Urso, obediente às suas ordens, *Venham, é por aqui!*.

No vestiário, na pista de saibro, no percurso até o local onde se daria a prova, eu sentia no ar, sob uma aparente normalidade, a presença de uma coisa grande prestes a acontecer. Como as competições eram simultâneas, o Urso foi orientar os meninos na corrida de revezamento, e eu fiquei ali, sozinho. Aprendera a me concentrar, as palavras do Urso, *Fique olhando o sarrafo sem pressa*, não estavam só na minha memória, elas comandavam todo o meu corpo, *você vai ver que, de repente, ele desce, aí é a hora de saltar*,

e, como se estivesse treinando lá na escola, quando chegou a minha vez, eu dei o primeiro salto numa boa, e passei fácil, fácil.

Aos poucos, a altura do sarrafo foi subindo e, pra surpresa de muitos, eu fui adiante, enquanto uns meninos maiores foram eliminados. Eu mirava o sarrafo um tempão, às vezes até enervava o juiz de prova, e, então, corria, corria e saltava no estilo tesoura, caindo, triunfante, na caixa de areia. Ouvia uns aplausos ao longe, mas me mantinha quieto, assistindo atento aos demais, à espera de ser chamado novamente.

Enquanto estava ali, fiquei de olho num dos meninos: ele ultrapassava o sarrafo com dificuldade, mas variava os saltos, ora no estilo tesoura, ora de barriga. Lendo o jeito dele correr e se concentrar, eu senti o sinal de um segredo, um segredo que só no fim da prova, quando nós dois disputávamos o primeiro lugar, ele revelou.

Tentávamos superar a marca de um metro e vinte. Tínhamos queimado em duas tentativas, faltava a última. Era a minha vez de saltar e, de novo, seguindo a dica do Urso, observei o sarrafo um tempão, mas, estranhamente, ele não baixava; aí eu me lembrei das palavras do pai, *Na hora do vamos ver, a gente tá sempre sozinho*. O juiz de prova fez um gesto de ultimato e, então, eu corri, corri, corri e saltei o mais alto que podia, e, antes de mergulhar o rosto na caixa de areia, senti o sarrafo desabando sobre minha cabeça. A justiça estava lá, e o meu máximo não fora o suficiente.

Levantei, limpei as mãos, bati a poeira da roupa e me sentei pra ver a terceira tentativa do garoto. E aí aconteceu o bonito, de tão imprevisível que foi: ele se concentrou, também sem pressa, e, então, correu, correu – do jeito que corria, eu notei-o diferente – e, quando estava bem perto, ele se virou e saltou de costas, *flop*, passando primeiro a cabeça, depois os ombros e, finalmente, as pernas. Por um instante, meus olhos ficaram desarrumados com o arco que o corpo dele desenhava no ar sobre o sarrafo. E aí eu só pude aplaudir, junto com o estádio inteirinho. Em vez de me sentir derrotado, eu me alegrei todo, por estar ali e ver aquela mágica.

Saí com a medalha de prata no pescoço, e o Urso, o Urso, eufórico e peludo, me abraçava, *Não falei?, não falei?*, ele também

no seu muito feliz.

De volta pra casa, o ônibus estava silencioso, os meninos maiores sem nada pra comemorar. No embalo do motor, de repente, não sei porquê, me lembrei forte, muito forte, da prima Teresa. Ela, na minha memória, com o seu sorriso. Então, livre da sua ausência, eu fiquei pensando que, às vezes, é preciso mesmo olhar pra trás se queremos ir em frente.

NOITE

Era como uma sagração: ao final do expediente, quando as tarefas do dia começavam a sair de seus olhos, o rosto do menino, que tanto se assemelhava ao seu próprio (a cor dos cabelos, o contorno do queixo) entrava, incisivo, em sua memória, e não havia imagem que mais desejasse, senão essa mesma, viva, saltando da zona escura das lembranças para a realidade, quando os dois se encontravam nos fins de semana, (era esse o tempo que tinham um para o outro) e, então, o mundo alternava a sua chave, e aí, num gesto simples – mas que movia seus sentimentos de lugar – ele ligava para o filho.

Amava ouvir a voz de menino, mesmo nas noites em que, à beira do sono, ele mal respondia as suas perguntas, *Você está bem?*,

Já tomou banho?,

Como foi o seu dia?,

E a sua mãe?

Acostumara-se a tê-lo tão pouco, depois da separação, que bastava um telefonema, como migalha a um faminto, para calar em sua alma a dor da ausência.

Naquela tarde, sem saber se foi a impertinência do Sol que ainda vigorava, espalhando seus raios rubros pelo céu e convidando aos encontros, ou uma insuportável vontade de transgredir o relógio de ponto, ele decidiu não ligar para o menino, mas ir até lá, para vê-lo.

Dirigiu impetuosamente, queria chegar logo e ia fazendo os cálculos: se o trânsito continuasse a fluir bem, pegaria-o ainda acordado.

E assim foi: o mar de carros se abriu para ele, como se o universo, em geral contrário, laborasse dessa vez a seu favor.

Uma hora depois, estava lá.

Enquanto estacionava, mirou, no oitavo andar do prédio, a sacada do apartamento onde até meses atrás morava com a família – de lá o menino costumava esperá-lo, acenando, eufórico, quando reconhecia seu carro –, mas não viu senão as sombras da noite que se acercavam, imperceptivelmente.

Semanas antes, o porteiro que era novo no prédio só o deixara subir depois de anunciá-lo pelo interfone e obter a permissão da mulher.

Mas, engrossando a corrente de sua sorte, o porteiro daquele turno o conhecia e deixou que fosse adiante, preservando o espanto que a sua súbita visita provocou, quando ela abriu a porta: *Você aqui? O que aconteceu?*

Nada. Saí mais cedo do trabalho.

Está tudo bem?

Sim.

Entra!

Trocaram um beijo no rosto, e ela, antes de conduzi-lo à cozinha, respondeu à pergunta do filho, que gritou lá da cozinha, *Quem chegou, mãe?*

Seu pai!,

e, então, observou melhor o visitante, cuidando para não medi-lo de cima a baixo, assim ele também o fazia, evitando captar nela, com seu radar primitivo, os rudes sinais da distância – a blusa nova, os cabelos curtos, o relógio com o qual a presenteara no último Natal.

Sabia que ela, igualmente, adiava ver nele tudo o que os olhos da convivência diária já não reparavam mais – a barba azulando a face, o dedo sem a aliança.

Passaram pela sala de jantar; ali, ao redor da mesa redonda, os três se reuniam para resumir seus dias e se abastecerem uns dos outros, e, agora,

ao vê-la vazia, pareceu-lhe ainda menor, e se sentiu responsável por aquele encolhimento.

As luzes apagadas ampliaram a sensação de que a tristeza havia se agarrado às paredes do apartamento, como uma segunda e mais espessa demão de tinta.

Encontrou o menino comendo na cozinha, compenetrado.

Oi, filho,

Oi, pai.

A mulher disse, *Senta*, e começou a lavar a louça, enquanto os dois se abraçavam.

Vieram as perguntas, diárias, que ele fazia ao menino, pelo telefone, a primeira, *Você está bem?*, e a segunda, *Já tomou banho?*, e, ali, nem precisavam ser feitas: no rosto do filho se via que ele estava bem; seu corpo cheirando a sabonete e seus cabelos úmidos revelavam que saíra há pouco do banho.

Perguntou-lhe sobre a escola, e, à medida que o menino respondia, contando-lhe os gols que fizera nas aulas de educação física, ele sentiu, sob a camada grossa de seu próprio silêncio, uma inesperada alegria, como se, até então, vivesse na pré-história desse sentimento, e, agora, experimentasse a sua estreia.

Se o menino era um rio, ele, pai, colocava só a ponta dos pés em suas águas, e queria, de novo, o mergulho, queria se resgatar nas suas profundezas.

E já que vivia à sua beira, era melhor se entregar ao nada daqueles rápidos encontros, os mínimos episódios cotidianos (só aparentemente esquecíveis), como fazer juntos a refeição, ou assistir a que o outro a fizesse, como agora.

Continuaram a conversar, coisas banais para o mundo, mas não para os dois (nem para a mãe que os ouvia), e o homem, curioso para saber mais do menino, ia dispondo na mesa como travessas de comida, outras perguntas, *Você já fez a lição de casa?*

E aquele seu amigo?

A carne está boa?

A mulher, de súbito, o interrompeu, *Você não quer jantar?*
Desculpe, esqueci de oferecer,

e abriu o armário para pegar um prato, mas,

Não, obrigado, estou sem fome!, ele respondeu, *Não mesmo? Tem pra você também,* ela insistiu, *Eu sempre faço um*

pouco a mais..., e ia acrescentar, *É o hábito*, mas ele comentou, *Me acostumei a comer mais tarde*,

o que era uma mentira, os dois sabiam.

Quer uma cerveja?, ela disse.

Ele não respondeu, olhava o filho que cruzava os talheres, *Satisfeito?*

O menino fez "sim" com a cabeça.

A mulher pegou uma lata de cerveja na geladeira e serviu o homem.

O filho pediu chocolate de sobremesa, mas ela negou. Cortou uma pera e deu a ele, que já foi espetando uma fatia.

Está madura?, o pai perguntou, e o menino, *Está*, e, como haviam falado do passado, e do presente, que se esparramava ali, na cozinha, ele pulou para o futuro, dizendo, *A gente podia ir ao Museu do Futebol, o que você acha?*

O menino vibrou com a ideia, a mãe também se manifestou, *É um ótimo passeio!*

o pai completou, *Depois, podíamos tomar um sorvete.*

O casal sorriu, cada um por seu motivo – ela, pelo comentário do menino; ele, porque ainda era capaz de sorrir.

A mulher recomeçou a lavar a louça, disse ao filho, *Agora você pode escovar os dentes*, e ele, obediente, saltou do banquinho e foi para o banheiro.

Os dois ficaram a sós.

O homem bebeu outro gole de cerveja e perguntou, *Como vão as coisas?*

Ela respondeu, *Indo*, o que, para ele, soou como uma mágoa, embora fosse apenas a constatação de que a vida era uma ordem.

E com você?, ela perguntou, *Também...*, ele disse, e, da mesma forma, nessa resposta não havia queixa alguma, apenas a certeza de que o mundo prosseguia nele.

O silêncio se acendeu entre os dois. Mas o rumor da água na pia o apagou.

E o dinheiro?
está dando?

Ela confirmou com a cabeça, mordeu os lábios, seus olhos se enevoaram, desmentindo o que dizia o resto de seu corpo: *Isso é o de menos.*

Quer mais uma cerveja?, perguntou.

Não, obrigado.

A noite progredia lá fora. Ele foi até a área de serviço. Viu, no varal, um short e uma camiseta do menino, a toalha de banho, umas calcinhas dela já batidas.

O fio do varal está estragado, comentou.

Já comprei outro, ela disse, *só falta trocar.*

Se quiser, eu troco pra você.

Não, não precisa. Vou pedir pro zelador.

Ele pegou o pano de prato e começou a enxugar a louça.

Deixa, não precisa, ela disse.

Não me custa, ele disse.

Você quem sabe.

Ela foi guardando nos armários o que ele secava. Pratos, copos e talheres iam passando de uma mão a outra, que se evitavam, mas, por vezes, se roçavam.

E o menino?

Ele está bem. Sente muito a sua falta.

O homem ia dizer, *E eu a dele*, e, se fosse ao fundo de si, completaria, *E também a sua.*

O menino, de pijama, reapareceu na cozinha, *Tô pronto.*

O pai e a mãe o mediram, cada um via nele um pouco de si (um pouco do que haviam sido e do que jamais seriam).

Vou por você pra dormir, o pai disse.

O menino deu um beijo na mãe e seguiu para o quarto. O apartamento estava imerso na escuridão e, ao cruzar o corredor, o homem sentiu, novamente, que a tristeza havia se depositado ali, sombra mais espessa que a noite.

O filho se acomodou num canto da cama, o braço a roçar a parede, deixando espaço para o pai também se deitar. Ele tirou os sapatos e ocupou o seu lugar.

Ficaram vendo tevê.

A mulher ouviu a risada dos dois (assistiam aos *Simpsons*), e, por um instante, pareceu-lhe que a família seguia unida, sob o mesmo teto.

Depois, pai e filho silenciaram, os corpos em linha, as pernas esticadas, os cotovelos a se tocar levemente, fingindo ambos interesse pelo programa na tevê, quando, em verdade, estavam atentos à força viva um do outro, aos movimentos do abdômen subindo e descendo com as marés da respiração.

Logo o sono envolveu o menino.

O pai permaneceu ao seu lado alguns minutos mais, fincado à raiz de seus sentimentos.

Depois, ergueu-se, cuidadosamente, para não despertá-lo, cobriu-o com o lençol e deu-lhe um beijo.

A mulher o esperava no corredor. Acompanhou-o até a porta.

Está precisando de algo?, ele perguntou, *Não*, ela respondeu, *Dia primeiro, eu deposito, Eu sei, você sempre deposita.*

Fez um gesto com a cabeça: *O elevador chegou.*

Ele a abraçou quase sem tocá-la, evitando despertar a antiga febre que os unira.

Tchau, ele disse.

Tchau, ela disse.

O elevador desceu devagar, alheio à (outra) noite que dentro dele ia se empoçando.

Lá fora, o homem mirou o oitavo andar do prédio, notou a sacada vazia e, ao fundo, a única luz acesa do apartamento. Deu a partida no carro. E saiu, vagarosamente, sem olhar para trás.

SILÊNCIO

A vida também tinha seus “de repente”. Estávamos lá, brincando de queimada na rua, todas as crianças e a mãe do Paulinho aparecia, *Vem, vem tomar banho!*, ou a irmã do Lucas, *Tá na hora do jantar*, e, então, a alegria acabava, assim, num instante, a gente voltando pra casa, sem gritos e risadas – o silêncio caía em nós como uma fruta no quintal.

Às vezes, tinha festa lá no tio Zezo, os adultos comiam churrasco e bebiam cerveja, a gente nos docinhos e refrigerantes, brincando de pega-pega, de esconde-esconde e, aí, vapt, o pai de um, *Tá ficando tarde*, o de outro, *Vamos embora!*, e, vupt, todo mundo ia se retirando, com as suas já-lembranças.

Num sábado, teve aquele de repente, especial. O pai, em vez de pegar a Kombi, saiu a pé, *Vou dar um giro*, disse pra mãe, e ela, *Você não vai chamar os meninos?*, ele nem ouviu, mas eu, sim, e saí correndo, meu irmão na minha rabeira, e demos com a rua vazia: o pai tinha desaparecido. Nem viramos as costas, ele reapareceu, apressado, tinha ido à casa do Seu Hermes e voltara pra nos chamar, *Venham, venham ver*, eram os filhotes de canarinho, *Estão quebrando os ovos!* Foi um alumbramento. Um, não: dois, três. Os canários, feinhos, o laranja pálido de suas penas, e aquele piado de espanto, eles lá, com ar de graça, cutucando a vida. O pai, *Vai chamar a sua mãe*, ela também merecia assistir, e os canarinhos, desajeitados, estreitando aquele nosso ver. Mas o voo, o voo ia demorar pra se erguer neles.

Aí veio outro de repente: um novo amigo, o Bolão! Era recreio, eu tinha trocado umas figurinhas com o Lucas, estava ali admirando elas, uma a uma, no meio das repetidas, a imaginação colando-as nas páginas do meu álbum, quando ele surgiu e perguntou, assim, *Quer jogar bafo?*, e foi se sentando no chão imundo, pro meu assombro – eu que tomava todo cuidado pra não amarrotar o

uniforme. E não era pela mãe, que reclamava da roupa suja, nem pela Dita que, de fato, era quem a lavava, não, era por mim mesmo. Eu era zeloso demais. E aquele garoto lá, o bolso da camisa estufado de figurinhas, à espera, repetindo, *Quer jogar?*. Eu precisava desaprender um pouco de mim e, então, respondi, *Quero!*.

Num segundo, o Bolão me rapelou tudo. Foi tão rápido, eu nem sabia o que fazer depois: de mãos vazias, olhava as outras crianças no pátio e só via sombras, eu estava no meu dentro, medindo o tamanho da minha tristeza. Aí, quando eu ia odiar aquele garoto, ele me estendeu o maço de figurinhas, mais gordo com o acréscimo das minhas, e disse, *Pega, é pra você!*. Era um gesto piedoso, eu me neguei a aceitar, mas o Bolão repetiu, *Pega*, e emendou, *Tenho mais lá em casa*, e as enfiou no meu bolso. Fiquei imóvel, soletrando o seu sorriso e, ao invés de mentira, achei sinceridade nele. O Bolão, eu descobri, ele era pelos outros. Nem ligava pra ter as coisas. Apontou a quadra, onde uns meninos corriam, falou, *Vamos brincar de pique*, e foi me puxando pelo braço, *Ainda dá tempo*, o sino demoraria pra tocar, ele me liderando, e eu admirado que existisse menino assim, de intimidade imediata.

E pronto: o Bolão já no quintal de casa, jogando futebol, eu e ele de um lado, meu irmão e o Paulinho do outro. Aí, os rostos afogueados, no intervalo pra descansar, os quatro ali se entreolhando. Uma hora azul. Então, o Bolão abriu a torneira na qual a mangueira estava engatada e acalmou a sede, bebendo no bico a água geladinha. Dava inveja não estar nessa cena, e aí, saltamos os três do nosso atraso e fomos até ele, pra copiar o seu gesto. Mas, quando nos aproximamos, o Bolão começou a nos jogar água. Gritamos, em protesto, e ele, numa alegria louca, ria e nos molhava mais e mais, e corria do meu irmão, que o perseguia, a mangueira em sua mão golfando jatos d'água sobre nós. Num instante, estávamos encharcados, as camisas grudadas no corpo, o Sol e o vento a nos secar, devagarinho, e, aí, demos pra rir, rir às soltas, minha mãe até apareceu à porta dos fundos pra ver o que acontecia e, em vez de ralhar, sorriu, *Meninos, meninos*, e sumiu, de novo, levinha, lá dentro de casa.

E teve outros repentes do Bolão – um que eu nunca esqueci, nos seus detalhes, e, ao contrário, todos em casa se lembram, principalmente o pai, mas não no dia em que se deu, só depois, quando a memória já amaciara os fatos. Foi assim: na saída da escola, um dia, contei pro Bolão um desejo meu, de ter um pássaro-preto igual os do Seu Hermes, dono de uma dúzia deles, um mais cantador do que o outro. Todo mundo apreciava seu viveiro de canários, e era mesmo um espetáculo aqueles passarinhos delicados riscando o espaço entre as telas. Mas, apesar dessa beleza, eu preferia os pássaros-pretos, bem maiores, as asas de betume, o canto forte, não bicavam o silêncio como os canários, eles rasgavam o dia com a sua felicidade. Bolão devia gostar também, *Vou pegar um pra você*, ele disse, e eu, *Quero ver como!*, e ele, *A gente faz uma arapuca*, e eu, *Não sei fazer arapuca*, e ele, *Nem eu, mas arranjo uma*.

E arranjou. De quem era, ou se pegou de alguém, não sei. Só sei que o Bolão, no dia seguinte, avisou, *Hoje, à tarde, a gente vai lá*, e eu, *Lá, onde?*, *No Santa Cruz*, o sítio pertinho da caixa d'água, fim da cidade e começo da roça, e eu, *Fazer o quê?*, *Pegar seu pássaro-preto*, *E como você sabe que lá tem?*, *Sabendo...*

A tarde chegou. O Sol caía. E, então, fomos lá no Santa Cruz. O Bolão pôs a arapuca no meio de uma touceira. Os dois escondidos. Nada em nós fazia barulho. A gente só via. E nada aconteceu, de imediato. O mundo estava parado; mas, aos poucos, conforme nos acostumamos, vimos a verdade. Tudo se movia, bem lento. Era preciso paciência pra notar a vida que ali se manifestava, no rastilho das formigas (dava pra ouvir as patinhas delas estalando o silêncio), no vento que fervia a cabeleira do capim-gordura, no céu a tremular de azul, no cheiro flutuante do mato, e o dedo do Bolão se erguia até os lábios, *Psiiu*, em alerta, pra gente ser só o que éramos, também paisagem, e, enquanto isso, as plantações davam volta em torno de nós. Eu me senti na sala de casa, sentado no tapete, mas não assistia à tevê com meu irmão, eu assistia às terras com o Bolão, eu via tudo sem chuveiro, no volume baixinho da vida, pra prestar mais atenção.

A natureza estava ficando tarde. O roçado de cana do Santa Cruz ganhava sombras graúdas. Era o momento ideal, o fim do vaivém dos pássaros, no seu dia de galhos, fios e ares, o canto em recesso, só na manhã seguinte reaberto, eles cansados de horizonte, de volta às árvores. E foi mesmo, isso tudo, igual o anoitecer, que se dá regular e independente se a gente o vê ou não, e, daquela vez, estávamos vendo: lá vinham os pássaros, de várias cores e voleios, dispersos uns, juntos outros, uma movimentação suave de se observar, tanto que me enfeitiçou, e eu nem percebi o pássaro-preto, fora do bando, vindo até a beira da arapuca e nela – plaft – ficar preso! O Bolão saiu correndo à toda, anunciando a conquista, *Pegamos, pegamos...* E era. Eu fui conferir. E estava lá. A alegria...

Corremos pra minha casa, o coração querendo voar pela boca, num orgulho de meninos, e, lá no quintal, mudamos o pássaro da arapuca pra uma gaiola velha do meu pai, *Cuidado, cuidado*, eu dizia ao Bolão, que o pegava macio, pra não espremer, *Pode deixar*, ele me acalmava, sábio, com aquela vidinha na mão. Aí eu descobri o avesso: o pássaro, avoadado, numa tristeza, fora do seu galho. Na certa, no dia seguinte iria cantar, no negro da noite ele era silêncio, o canto só viria com o sol, seu abridor.

Acordei na manhã seguinte com a cantoria dos passarinhos do Seu Hermes, nem me lavei direito, saltei da minha vida pra perto do meu pássaro-preto, e ele calado na gaiola, com preguiça ou em greve. Peguei um punhado de quirela, despejei no recipiente, e também água fresquinha. Tudo pra ele se animar, pra ser novamente um cantor feliz de seu mundo, assim eram os do vizinho, e, àquela hora, já faziam algaravia, a manhã vigorava neles, eufórica. Mas o meu pássaro-preto continuava mudo. A mãe percebeu minha decepção e disse, *Ele tá estranhando, mas logo vai cantar*, e meu irmão, *Se for velho, aí não canta mais, não...*

Fui pra escola, um ouvido ligado lá na professora, outro longe, no silêncio do meu pássaro-preto. *Será que ele é triste?*, pensei, e me lembrei da prima Teresa – a vida se revelando devagar –, ou, *Será que é feliz?*, e, então, me apareceu o sorriso do Bolão, e aí eu concluí, ele está triste, e é só por um dia, como, às vezes, acontece com a gente. Queria voltar pra casa – apostando que lá o pássaro-

preto já cantava bonito, mas esperei o tempo gotejar e, quando chegou o meio-dia, mal tocou o sino, eu saí às carreiras pela rua. Cheguei a mil, atravessei a cozinha, ansioso, olhei pra mãe com a pergunta, e ela comentou, *Nenhum pio até agora*, e a Dita, vendome diante da gaiola, mudo como o próprio pássaro-preto, falou, *Deve estar machucado*.

O pai veio pro almoço, pegou-o, apalpou, olhou aqui, olhou ali, e nada. *Não tá ferido, não...* Vai ver era daquele jeito mesmo, um pássaro sem canto. Justo ele, da família dos cantores!

À tarde, o mistério continuou. Até que, de repente, o Bolão apareceu. Nem precisei dizer nada. O silêncio do pássaro já dizia. Do outro lado, na casa do Seu Hermes, a festa de seus pássaros-pretos, aqueles, sim, se rejubilando, em som máximo. E aí, eu já conformado, o Bolão teve uma ideia, *Pega a gaiola e vem comigo!* Peguei e o segui e, quando ele se aproximou do muro entre as duas casas, pensei que ia por o pássaro pertinho dos outros, pra ele se contaminar.

Mas não, o Bolão driblou meu pensamento. Saltou o muro, caiu sobre um vaso de samambaia da Dona Elza e, num segundo, voltou com uma gaiola do Seu Hermes, um pássaro-preto lá dentro, cantor dos melhores. Daí ele fez a troca. Eu assisti. E entendi. Eu me vi contente, sem culpas. O Bolão pulou o muro de novo, pro segundo tempo da sua ideia. Voltou. O nosso pássaro-preto, mudinho, ficou lá na gaiola dependurada entre as outras do Seu Hermes. E o dele, seguindo na sua alegria, cantava na gaiola velha do meu pai.

Minha mãe, logo que ouviu a cantoria, me disse, satisfeita, *Não falei? Não falei?*, e a Dita, *Viu, não tava machucado, não!*, e meu irmão, *Se era tristeza, já passou*, e, falando assim, parecia que também se sentiam responsáveis pelo milagre. O Bolão via em mim a felicidade e a pegava igualmente pra ele, sorrindo, sentado no chão do quintal. Ficamos um tempo nessa perfeição. Até que Seu Hermes surgiu, de repente, junto com meu pai, carregando na gaiola o nosso pássaro-preto. Aí, aí foi aquele silêncio...

SOM

Naquele dia, o filho iria voltar, depois de uma longa viagem, embora não fosse tão longa assim, e ele, pai, esperava, com euforia (tamanho era a sua intensidade, que ninguém perceberia), a hora em que o menino atravessaria a porta de sua casa, feito um sol, mais alto e belo e forte do que da última vez, e, então, se abraçariam, quase como se estivessem recebendo a si mesmos, iguais eles eram em muitos aspectos, e, sobretudo, lá

em suas águas profundas, na ternura que sentiam (e na vergonha de expressá-la, mesmo se com os dedos entre os cabelos), na ternura tão sincera, e, por isso, cortante!

Como não viviam juntos, era o menino e a mãe a semana toda, restava ao pai apenas os sábados e os domingos, no dia a dia ele sentia saudade, e ela só serenava quando se reviam – o tempo de convivência, apesar de curto, era tão feliz que até lhe doía –, mas, antes mesmo de levar o filho de volta à casa da mãe, nas tardes de domingo, a saudade já voltava, reinstalando-se no seu canto, como uma cicatriz, à mostra.

Naquele dia, o menino retornava de sua mais longa viagem, o mês inteiro fora da cidade, e ele, pai,

sentia-se todo vazio, pronto para se transbordar do filho, e faminto para comer, avidamente, a sua presença.

A hora, enfim, chegara, depois de muitos dias se despejarem em outros, misturando memórias frescas com antigas, no ritmo natural das coisas vivas, tão natural que ocultava a certeza de que, a qualquer hora, poderia cessar, subitamente.

Tanto que, ao ver o filho à porta do apartamento, seu coração começou a bater macio, como se enganasse o perigo que o impedia de se afogar naquela felicidade.

O mundo lhe parecia simples, os reencontros possíveis,

nem se dava conta do milagre que o universo produzia para acontecer, entre um homem e seu filho, uns atos banais.

Mas, se reconhecera aquele que à sua frente aparecia, alguns traços eram idênticos aos seus – outros, menos aparentes, da mãe –, surpreendeu-se ao flagrar no menino, nitidamente, o homem que nele se renunciava, e tal foi o seu espanto, – talvez por estar habituado a ver nos homens o menino que continham, assim como via em si, sempre, o garoto que fora um dia – que o filho percebeu e perguntou, *O que foi, pai?*, e ele, de volta ao agora, (era a saudade) respondeu, *Nada*,

e, então, os dois se abraçaram, timidamente, o amor maior do que esse enlace.

Naquele dia, ele queria que o menino soubesse, como se fosse capaz de entender que, abaixo das palavras ditas, há sempre outras, silenciadas, que as desmentem, o quanto estava grato pelo seu retorno, e, por isso, só lhe ocorreu perguntar como tinham sido aquelas férias, o que ele havia feito de mais divertido, o que vira de bonito no sítio do avô, dizendo, com as palavras de cima, o que desejava que dissessem as de baixo, e o menino, também contente por estar de volta, por ter o pai que tinha, e o ter àquela hora, ali, à mão, foi respondendo, *Foram ótimas*,

o banho de lama,

os passarinhos!

aprendendo, sem notar de imediato, que ele fazia o mesmo, deixava nas palavras de baixo o que sentia e, nas de cima, o que o pai queria ouvir, *E a cavalo, você andou?*

Andei,

Nadou na represa?

Só uma vez,

O seu avô está bem?

Está,

e, nesse *vai* de perguntas e *vem* de respostas, foram se acomodando, o filho no filho dentro do pai, o pai no pai dentro do filho, até que se coincidissem, para, em seguida, habituados à muda cumplicidade, fossem fazer as coisas menores – o menino a levar a mochila para o quarto, o pai a colocar na mesinha uns petiscos –, enquanto as coisas maiores eram feitas, imperceptivelmente, no vão delas.

Aquele dia, que antes era uma promessa, agora fabricava a realidade no pai, ele flamejava, por ter junto de si o filho, íntegro, raiando depois de sua muita ausência, dava-lhe vontade de se alargar, de ser imoderado com a vida, ao mesmo tempo que lhe era penoso, mais do que suportar a falta do menino, deter esse sentimento que experimentava – o instantâneo regozijo.

Depois, enquanto o filho estava no banheiro, foi pegar o pequeno pacote, um presente, guardado há semanas, o game que o menino sonhava, e esse, antes de abri-lo, quando à sala retornaram, só pelo tamanho e formato, adivinhou o que era, e disse, *Obrigado, obrigado, pai!*

e o disse com tanta verdade, que parecia até um exagero para o instante, ou para o tamanho da surpresa, mas, sem que soubesse, com essa ênfase, estava dando também ao pai uma dádiva, estava se dando a ele, e era só o que o homem precisava e tudo o que o menino podia dar.

Sentaram-se no sofá, diante da mesinha, e continuaram a conversar, revezando-se em se servir do pão, do queijo, da azeitona, os dois apreciavam essa hora, de partilhar a refeição, quando, frente a frente, comiam e falavam de si e do mundo, mais fácil era disfarçar a outra fome, e mais leve se tornava o peso de certos assuntos, *Quando começam as aulas?*

Segunda-feira,

E a sua mãe?

Ela tá bem.

Enquanto se adaptavam, esse à companhia daquele, vieram outros assuntos, gerais ou só dos dois, e, pela comunhão que urdiam com as palavras, foram se deixando ser quem de fato

eram, pai e filho de volta um para o outro, esquecidos de que um dia não estariam mais ali, de que não seriam, no minuto seguinte, os mesmos de agora.

Depois de algum tempo, as vozes se alternando com o silêncio, tão juntos estavam que podiam se dispersar,

e, assim fizeram, o filho ligou a tevê, o pai foi jogar o lixo lá fora e, ao retornar e ver o menino espichado no sofá, assistindo a um jogo de futebol, alegrou-se, quietamente, o filho não agia mais como visita, a casa do pai era também a casa dele.

Outros atos vieram lhes chamar à vida, cada um, abastecido do outro, já podia fazer, sem culpa, na sua aparente solidão, o que o momento lhe pedia, tomar banho – o menino, ler a bula de um remédio – o pai, ir à sacada – o menino, pagar contas pela internet – o pai, escolher um filme para ver – os dois, lado a lado, os olhos sobrevoando a página do jornal.

Naquele dia, o sol, fiel à sua agenda, se foi da cidade quase sem pássaros, quando a lua, crescente, apontava no céu, para que eles fizessem outras coisas, igualmente esquecíveis, como são quase todas, mas que eram, então, as suas preferidas, pai e filho misturando as vidas, as palavras de baixo ocupando o lugar das de cima.

Continuaram realizando, sob o mesmo teto, seus pequenos feitos, juntos, ou individualmente, até que a noite chegou e, depois de comerem pizza, de assistirem ao filme escolhido e comentarem uns fatos no intervalo comercial, eles não tinham mais o que fazer, senão dar corda ao sono.

Então, foram se deitar.

Durma bem, filho,

Até amanhã, pai.

De olhos fechados, no escuro, o homem ficou pensando em seu menino.

Estava tão perto, no quarto ao lado.

Podia ouvir o som suave de sua respiração.

Sentia o filho aceso, dentro de sua vida. Mas, sem saber porquê, a saudade continuava crescendo nele, crescendo como a Lua lá fora.

FIM

Eu vivia entre as pessoas, as árvores, as casas. Não tinha aprendido ainda a viver na sua raiz, só saltava sobre seus galhos, no espaço entre uma e outra. Ignorava o que era voltar, eu só ia às coisas – era o meu tempo de começos. Pra mim, havia o dia (a escola, os amigos, as brincadeiras) e a noite; mas a noite não era o fim do dia, a noite (o medo, o cansaço, o sono) era apenas uma longa e escura hora antes de um novo dia.

Então foi que entendi, e, mais do que entender, eu senti o que era partir, quando, num sábado, fui com meu pai, cinco horas de viagem, visitar o tio Zezo.

Um dia antes, quando jantávamos, o telefone tocou (apesar de ser o som de sempre, havia urgência em seu toque!) e o pai, depois de atender, amarrado num grosso silêncio, voltou à mesa e disse pra mãe, *As coisas não estão boas por lá*, e a mãe perguntou, *Ele piorou?*, o pai não respondeu, ficou olhando pela janela a noite lá fora, e eu, lembrando que o tio andava doente, permaneci quieto, como se, ao fazer qualquer movimento, pudesse prejudicá-lo ainda mais; eu queria ver o tio rindo de novo, fazendo churrasco, igual nos tempos em que ele morava na nossa rua e a felicidade flutuava em mim, sem que eu percebesse o quanto o mundo a ameaçava.

O pai parou de comer, a notícia não lhe caíra bem, e disse pra mãe, *Vou até lá amanhã!*, e ela concordou, *Vai sim, a Maria vai precisar de ajuda*, e o pai, *Não há muito o que fazer*, e a mãe, *Nessas horas estar perto já ajuda*, e o pai, *É verdade*, e, cruzando os talheres, perguntou pro meu irmão, *Você vai comigo?*, *Não posso, tenho prova!*, e pra mim, e *você, pode?*, *Posso*, e o pai, erguendo-se com o prato na mão, disse, *Vamos sair bem cedo*, e, daquele jeito, estava dizendo, *Vá dormir logo!*, e era tudo o que eu queria – chegar rápido ao outro dia.

Demorei pra dormir, eu me enchia de cenas de outras viagens, imaginando os carros e caminhões deslizando pela rodovia, a paisagem verde se alternando, lavouras e pastos, o céu imenso e azul, as pequenas cidades à margem da estrada até chegarmos àquela onde o tio Zezo morava, e meu coração se aticava com o futuro que eu construía na névoa entre a vigília e o sono. Eu experimentava, ansioso, o que não era a vida ainda, na sua certeza, só a promessa, o desejo que eu iria depois conferir diante dos fatos, e que era sempre diferente, às vezes superior ao que eu sonhara.

Tanto era o meu querer que, num instante, estávamos no dia seguinte, e eu e meu pai, depois de tomar o café que a mãe havia preparado, já nos despedíamos, e, abrindo a porta da Kombi, cada um de seu lado, fomos entrando na realidade que nos cabia. O pai dirigia compenetrado, acostumando-se com a manhã que progredia, lenta, nele e em mim, e o Sol acima de nós também iniciava a sua viagem, espreguiçando a sua luz sobre as casas que ficavam pra trás. Paramos no posto de gasolina, à saída da cidade, abastecemos e pegamos a rodovia que se espraiava pelos campos, já povoada por uns veículos sonolentos.

Quase não falávamos, um e outro presos aos fluidos da noite, adaptando-se, aos poucos e novamente, a si e à sua vida, e assim era, na sua normalidade, a cada amanhecer, fosse pra andarmos na nossa rotina (de trabalho a dele, de escola a minha), ou fora dela, como àquela hora, indo pra casa do tio Zezo. Eu ia alegre, no banco da frente, com o pai, gostava de estar junto dele, fosse pra o que fosse, mesmo se nada tivesse a dizer (como naquele dia no secos e molhados), mas, ao mesmo tempo, minha alegria se contaminara pelo temor das horas vindouras. Sem saber, a cada quilômetro, ia me afastando do menino que eu era.

Lentamente, começamos a conversar umas coisas miúdas sobre o caminho, um a perguntar, o outro a responder, *Quanto tempo de viagem, pai?, Cinco horas; Então vai demorar?, Vai, temos muita estrada ainda,* e a falar da vida, *Tá tudo bem na escola?,* eu balançando a cabeça num sim, e o pai, *Você tá gostando da nova professora?, Tô,* e, curioso, *Como é a cidade onde o tio mora?, Um pouquinho maior que a nossa,* e, apontando, *Tá vendo aquela*

plantação lá? O que você acha que é?, e eu, Milho?, Errou, Café?, Errou de novo, e eu, Não sei, e o pai, É soja, e começou a me ensinar como distinguir uma cultura da outra.

Seguimos, comentando uma revoada de pássaros que, de repente, rasgou o horizonte, *Olha, filho!*, e, mais adiante, um lago luzindo entre o arvoredos, as flores à porteira de um haras, um potro ensaiando, num descampado, os seus primeiros galopes, *Que lindo!* Era bom deslizar pelo asfalto nessas levezas, como se estivéssemos a fazer um passeio, o pai guiando com prudência, contando uns fatos dele e da mãe, e eu a ouvir e a falar, a gente indo de um assunto a outro, suavemente, esquecendo a razão de nossa viagem.

Mas, apesar da conversa seguir por muitas direções, alternar-se em variadas cores, assim como a paisagem que abria aos meus olhos seu rico catálogo de belezas, o ruído monótono do motor e o mormaço me sugaram pro sono. Quando despertei, a Kombi entrava numa rua de paralelepípedos que faiscavam ao sol, as casas se pareciam com as da nossa cidade, eram de cores esmaecidas, as paredes trocavam de pele, até pensei, por um momento, que estávamos chegando, de volta, mas, não, era apenas a ida, nós ainda nos inícios.

O pai observava as casas, alerta, procurando localizar uma delas ali, concreta, igual à outra, viva em sua memória, e, no quarteirão seguinte, elas coincidiram, e ele, de súbito, estacionou sob a sombra de uma árvore e, desligando o motor, disse, *É aqui!*

Era mais de meio-dia, fazia tanto calor que o silêncio estalava e, como se soubesse que havíamos chegado, a tia Maria abriu a porta nesse instante e atravessou a varanda, antes de tocarmos a campainha. Ela e o pai se abraçaram de um jeito maior, de quem se gosta e se precisa, um jeito que, às vezes, a mãe me abraçava, e eu, tímido, me encolhia, sem saber retribuir. Os dois trocaram umas palavras previsíveis, *Fizeram boa viagem?, Fizemos; Muito movimento na estrada?, Um pouco; Tá quente demais por aqui, e lá?, Nem tanto, andou chovendo; E a Mariana?, Tá bem, mandou lembranças!* Aí o pai tocou o meu ombro e disse, *Cumprimenta a tia Maria;* eu dei um passo adiante, ganhei um beijo dela, *Nossa, você*

cresceu!, e, então, entramos, como se tudo estivesse normal, na ordem planejada da vida.

Mas bastou pôr o pé na sala pra verdade nos receber: uma sombra grande e imóvel repousava na poltrona em frente à tevê. E se me assustei à primeira vista – meus olhos, cheios da claridade lá de fora, mal compreendiam que estavam vendo o tio Zezo –, eu me tranquilizei em seguida, porque imaginava ele na cama, sem se mover, e, ao contrário, embora não sem esforço, o tio se ergueu pra saudar o pai, e o pai, em vez de dizer, *Não precisa se levantar*, não disse nada, apenas o abraçou, e era um abraço sem exageros, o abraço de um homem forte e um homem frágil, e havia algo tão poderoso naquele gesto, como se soubessem tudo um do outro, tudo o que sentiam naquele instante (e em todos os instantes da vida), que eu fiquei inerte, no mais calado de mim. Observei os quadros e os móveis da sala (os mesmos de quando o tio morava perto de nós), buscando coisas ao redor do tamanho da minha compreensão, e a tia devia fazer o mesmo, porque abaixou a cabeça, como se, mirando os dois abertamente, quebrasse o cristal de sua comunhão, e disse, *Vou terminar o almoço*, e me chamou, *Vem, vem comigo!*

Segui a tia até a cozinha, mas parei à beira do pai e do tio, hesitante, e aí o tio me estendeu a mão, e eu o cumprimentei, e o tio me fez um cafuné na cabeça, e eu vi que o seu rosto não era o rosto que eu tinha dele em mim, o tio se alargava em sorrisos nas minhas lembranças, e ali se continha todo, como se cada gesto seu o gastasse. Não fosse isso, e o peso que perdera, era o tio Zezo de sempre, e foi o que me assustou, ele não parecer tão doente quanto eu imaginava; o tio, encolhido, mas lá no meio da sala e da vida, respirando igual a nós, à espera do almoço pra atravessar o seu dia.

Na cozinha, tia Maria preparava a comida e, ao mesmo tempo, punha a mesa na copa, estendendo a toalha e distribuindo sobre ela os pratos, os copos, os talheres, e ia me fazendo perguntas, *Você tá na escola municipal ou na estadual?, Em que série?, Gosta de frango?, E a sua mãe?*, e eu, com as minhas magras respostas, murmurava, *Estadual, Primeira série, Sim, A mãe vai bem*. Apesar de estar ali, mexendo com a colher nas panelas, provando o caldo na

palma da mão, atenta ao sal e aos temperos, a tia andava longe, eu podia sentir, a tia estava noutra degrau do mundo.

Fui pro quintal, onde o Sol esturricava as roupas penduradas no varal, à procura de algo pra me entreter. Os tios não tinham filhos com quem eu pudesse brincar, nem um cachorro ou passarinhos (como Seu Hermes), então descobri um canteiro de ervas e lá fiquei cortando folhas e experimentando o gosto de cada uma, a hortelã, o alecrim, a erva-cidreira, entregue a uma natureza suave, até que ouvi a tia chamar, *Vem, vem lavar a mão*, ela emoldurada na porta dos fundos, *O almoço tá pronto!*

O pai se sentou perto do tio, quase a lhe estorvar com o garfo e a faca, informando assim, com seu corpo, o quanto queria estar junto do irmão; e o tio, à cabeceira da mesa, aceitou aquela sólida proximidade e começou a comer vagarosamente. Pra minha surpresa, eles se puseram a falar dos negócios do pai, *Começo de ano é assim, ninguém tem dinheiro*, da vida que se vivia naquela cidade, com suas ruas sujas de terra vermelha e bagaço de cana, *É a safra, não tem jeito*, do calor que vinha fazendo, *Parece que vai chover, É bom mesmo, pra refrescar um pouco*, e aí o tio brincou comigo e perguntou se eu tinha namorada, eu pensei na prima Teresa, mas respondi, *Não*, com a cabeça, e ele, *Então arranja uma logo*, e riu, e o pai veio em meu socorro, *A hora dele vai chegar*, e o tio, *E o futebol, você ainda joga no gol?*, e eu, *Não, agora eu treino salto em altura*, e pra mim era um mistério que falassem o que falavam à mesa – o que mais podiam falar? –, a vida era o inesperado, o que vinha vindo fora (e acima) da minha percepção. Mas logo chegaria a hora alta, e eu temia ser incapaz de ultrapassá-la, como o sarrafo no salto em altura.

Depois tio Zezo foi se deitar. O pai e a tia Maria passaram um longo tempo na varanda conversando, a porta da casa aberta; eu, na sala, assistindo à tevê com o som baixinho pra não incomodar o tio, vi que o céu escurecia devagar, as nuvens prestes a explodir em torrentes de água, e vi a tia tapar o rosto com as mãos, seu corpo a tremer, num sobe-e-desce acelerado, e vi quando ela o descobriu e seus olhos garoavam, e o pai lhe dizia alguma coisa, mas eu não podia ouvir porque trovejava e a chuva, enfim, chegava com força.

Os dois entraram apressados, a tia Maria correu pra fechar as janelas, o pai foi direto ao quarto do tio.

Mas, como era verão, a chuva logo se encolheu, fechou-se igual um zíper e se guardou no céu, pra mais tarde sair outra vez. Eu continuei no meu canto, vendo *A Pantera Cor-de-Rosa*, sem o que fazer com o meu mínimo saber das coisas. Logo o tio Zezo reapareceu, seguido pelo pai e pela tia. Sentou-se na sua cadeira, parecia bem disposto, como se o sono tivesse injetado nele vitalidade, trazendo pra mim aquele tio que eu conhecia e amava.

E quando parecia que tudo era o que sempre fora, o pai e o tio conversavam distraidamente sobre as coisas da vida, sem nenhuma urgência, e a tia andava de lá pra cá, trazendo algo pra que bebessem, quando eu já nem lembrava mais porque tínhamos viajado até ali, nesse instante, de repente – como se esbarrasse no interruptor da realidade e a ligasse –, o tio me olhou, e eu vi tudo aquilo em seu olhar. Então, disfarcei e saí pra varanda. De lá, pude perceber as sombras da noite a cobrir a cidade, e senti subindo, devagar, do fundo de mim, o maior entendimento.

RECOMEÇO

Agora, ele vivia entre edifícios, muros e ruas formigadas de carros.

Aprendera não só a ir à raiz das coisas, mas, principalmente, a nutri-las, para que se arvorassem em ramos, se fossem boas, ou a cortá-las ainda no começo, se lhe parecessem daninhas.

Por vezes, errava.

Acertar também doía, demorado.

Aí, era preciso retroceder.

Sabia – o espírito sempre sinaliza – que logo seria a sua hora de voltar; num devagar rápido, chegara o seu tempo de viver uns finais.

Para ele, àquela altura, havia o presente (o trabalho, a solidão, o menino) e todas as ausências (o pai, a mãe, a mulher) e elas aumentavam a cada ano, os dias eram apenas uma longa e iluminada hora entre duas noites.

Não que fosse só triste, pelas suspeitas. Havia os instantes de rir com o menino – que crescia, bonito e forte –, havia os passeios e os livros (que o levavam a outros bosques e abismos).

As alegrias vinham, sim, mas não da pele dos fatos, vinham agora de suas vísceras.

De repente, depois de tantos anos, sentiu que precisava viajar até lá. Não havia motivo maior, novidade, nada.

O irmão morava com a família na casa que fora dos pais. A cidade era a mesma, sem pressa de ser outra.

Queria visitar aquele mundo que não era mais seu, embora ele mesmo estivesse lá, à sua espera, para se medir.

A vida pedia o reencontro.

Onde andaria o Bolão? E o Lucas? O Paulinho?

Tinham todos ficado lá atrás, no terreno dos sonhos. E os sonhos eram uma desatenção, cochilo macio, da realidade.

Os dele, subitamente, eram um só: rever com a vida de agora o que ele fora, nos seus começos.

Então, num sábado, anunciou, *Vamos pra lá na Semana Santa.*

E, antecipando-se a um protesto do filho, emendou, *Você vai adorar!*

O menino não tinha mesmo vontade de viajar naquele feriado: para ele era só uma ida ao interior; enquanto, para o pai, era todo um retorno.

E o retorno já se dava em sua memória, as plantações do Santa Cruz flutuavam no fundo de um quadro que nela se formava, e, em redor, às alturas, os passarinhos, nas suas muitas cores, sobrevoando o capim-gordura, o roçado de cana verdinho, dava até para sentir o silêncio se abrindo feito uma flor naquela paisagem da infância, e o cheiro do mato, do vento, *Como era bom...*

Longe ainda a Semana Santa, e ele, até que a véspera de partir chegasse, viveu meio desinteressado de si, de seu ser atual, tentando se ver só nas suas lembranças; sabia, enfim, que o percurso em seu pensamento, esse vaivém entre a verdade e a sua sombra, também era o que era – a viagem.

E eis que a sua parte concreta, de estrada, se confirmou, e lá estavam os dois, na manhã de sexta-feira da Paixão, saindo bem cedo de casa, o filho quieto no banco de trás, e ele ao volante, os olhos fixos lá na frente, apesar de cheios de passado.

Em poucas horas, estaria, novamente, de uma outra maneira, aonde sempre ia, quando, diante de si, a neblina das tarefas cotidianas se assentava – ao chão daquele tempo de inesperadas descobertas: os filhotes de canarinhos do Seu Hermes, *Venham, venham ver, estão quebrando os ovos!*,

o pássaro-preto mudo na arapuca, *Que susto!*, o sorriso da prima Teresa que o ensinara a ver as coisas no seu devagar, de

semente, aquelas recordações se sujando com o seu olhar de homem já habituado à nitidez das horas escuras.

Nem se dera conta de que podia voltar tão facilmente lá, como aquele garoto saltando de costas no campeonato infantil, *flop*, duzentos e poucos quilômetros apenas, e, talvez, por isso mesmo, só o fizesse agora, quando o vazio, de tudo que não podia mais reviver, transbordava.

Na rodovia, cintilante pela luminosidade do Sol, ele dirigia com prudência, atento aos grossos contornos do mundo exterior, à medida que, por dentro, ia desencaminhando os seus receios, o de não se reconhecer naquele que ele fora, ou não poder mais regressar a si.

O carro avançava no asfalto, comendo velozmente a distância, e o menino que retornava nele era outro, assim como as lavouras à beira da estrada, o milho, a cana, o café, a soja, que aprendera com o pai a distinguir naquela viagem à casa do tio Zezo; elas ali, além das cercas, as mesmas, viçosas, mas morrendo aos poucos, o tempo a lhes retirar espigas, gomos, grãos de vida, a cada safra que davam.

Também nele muitas, pequenas coisas morriam, caladas, enquanto o filho, espichado no banco, lia um gibi, *Falta muito?*

Não, falta pouco, só mais uma horinha.

E, então, chegaram!

A cidade continuava lá, maciça, a de sempre, da sua infância, com suas ruas empoeiradas e seu casario humilde, embora sobre ela, membrana transparente, ao menos aos seus olhos, havia outra, que não mais correspondia àquela de antes.

E se ele voltara ali em outras ocasiões, sem notar essa segunda, dessa vez a percebia não apenas num ou noutro detalhe, mas nela toda, cidade que se repovoava em sua memória.

Achou que, se renomeasse alguns de seus lugares, onde nascera o homem do menino que ele fora, de alguma forma, a reconquistaria; por isso, foi dizendo ao filho, que viera uma única vez ali, ainda pequeno, e certamente de nada se lembraria, *Olha, a igreja matriz!; Ali, do outro lado da rua, era o*

Bar do Ponto; Tá vendo aquela lotérica na esquina? Lá era a sorveteria...

O menino via tudo com interesse e queria que o pai o soubesse, queria agradá-lo com a sua curiosidade, mas mesmo fazendo umas perguntas, sinceras, *De quem é aquela casa verde?*

Onde mora o prefeito?

E o tio?

não podia ser o mundo inteiro dele, só podia ser o que de fato era, um de seus frutos.

O irmão os esperava sentado à soleira da porta. Quando viu o carro estacionar, ergueu-se abruptamente, acenou, chamou a mulher que irrompeu do fundo da casa, e ambos foram dar as boas-vindas – a felicidade do encontro, legítima, mas contida, que eram todos ali, embora de diferentes ramagens da família, igualmente tímidos.

Abraçaram-se, as palavras comuns já se moviam entre um e outro, *Foi boa a viagem?; Foi, foi tranquila;*

Que saudade!; Eu também!;

Como cresceu esse menino!; Pois é;

Vamos entrar, Vamos!;

Depois a gente carrega as malas; Tá bom, e mais exatas que essas palavras não havia; afinal, o que podiam dizer, além do que diziam, eles que tanto se gostavam e, há anos, não se viam?

Talvez só o pudesse ser dito de outra maneira, com um sorriso, um olhar, um gesto, e era o que de fato faziam.

Miravam-se, sorriam-se, tocavam-se, já na sala da casa, um a um ainda no seu dentro, saindo-se devagar.

A cunhada foi para a cozinha; o menino a seguiu e, de lá, foi ao quintal, atraído pela velha mangueira cuja sombra se espalhava até o muro, como se soubesse, por esses misteriosos saberes que passam de pai para filho, que ali, entre aquelas folhas, acumulavam-se, ocultas sob a casca do silêncio, muitas histórias.

Não eram suas, nem o seriam um dia, mas podia sentir que estavam vivas, bastava soprar, como se diante de umas brasas, para que se reacendessem.

Se fosse o pai a soprá-las, arderiam, reiluminadas, antigas-novas lembranças: ali Bolão, inesperadamente, dera um banho d'água nele e nos amigos; ali começara a aprender a ler as pessoas, quando descobriu que Seu Hermes não estaria mais lá, entre os passarinhos, para devolver a bola de futebol.

O homem permaneceu com o irmão na sala, calado, de retorno a si mesmo, aos sete e aos quarenta, tanto que falava pouco, mais ouvia as novidades, o Lucas se mudara para Serrana, o Paulinho para Ribeirão Preto, dentista dos bons, quem diria, *O Urso, lembra?*, como não se lembraria?, aqueles braços peludos, *Se aposentou,*

mas ainda treinava uns garotos; uma época inteira estava em sua memória por se acabar, e ele,

no rumo contrário, queria revivê-la em seu máximo, por isso viera em sua nascente – como se fosse possível encontrar nos escuros do passado outra coisa além de alegrias mortas.

Logo o almoço foi servido, as conversas continuaram à mesa, de tom leve umas, acentuado outras, como o verde das ervas num canteiro, também puxando, esse mais aquele menos, o interesse de cada um para colhê-las no ato, ou mais tarde – e, ao lado do filho que, à vontade, pegava batata frita com a mão, ele ruminava disfarçadamente a sua inquietude, ninguém a percebia, seu rosto seguia o mesmo, não a historiava, embora no vão entre suas palavras, lá ela se escondia, a voz vigorosa da certeza.

Certeza de que o dia saía, quebradiço, do molde que ele imaginara perfeito para conformá-lo – a realidade, como uma lava, vazava, espessa e rija, petrificando suas lembranças.

A vida era o que era, e ele cada vez mais longe de sua fonte, mesmo se de volta a ela, como agora – tudo no caminho é para ficar lá trás, as pessoas carregam só aquilo que deixam de ser, o presente é feito de todas as ausências.

Finda a refeição, a cunhada retornou à cozinha, o irmão foi fazer a sesta, *Você não quer tirar uma soneca?*, e ele,

Agora não, acho que vou dar um giro por aí.

Pensou em chamar o filho, mas o menino retornara ao quintal ensolarado, já subia na mangueira, tanto melhor que conhecesse por si mesmo, sem guia, o mundo dos mais velhos, assim ele, pai,

poderia andar e ficar consigo plenamente, precisava tirar os véus de seu pensamento, ver se debaixo deles reencontraria a sua velha infância.

Caminhou vagarosamente até a praça, como se sobre as águas, andando distraído pela calçada empoeirada, mais dentro de si do que fora, com seus anos todos em cada um de seus passos.

Reconhecia a igreja matriz adiante, a rua Quinze à esquerda, a casa da esquina onde antes era o Bar do Ponto.

Tudo, ali, havia perdido a cor, a luz, os contornos vivos.

A cidade que lá estava era a mesma, mas a outra, a sua, a cidade que se enraizara nele, essa se apagava aos seus olhos, como um glaucoma, sob a camada fria da atual.

E essa continuava sendo casas, ruas e árvores à espera de que as pessoas passassem por elas.

Depois, deixou-se ir sem rota prévia, sob o sol forte do início da tarde, meio no ar, meio preso ao chão, numa mistura de passeio e *via crucis*, desejando que os pés, como raízes acima da terra, o conduzissem aonde ele, menino ontem, o aguardava.

E os pés o levaram à escola, cujo prédio, embora com a mesma fachada de antes, já se revelava outro.

Parou diante do portão e observou a janela das salas de aula, o pátio onde conhecera a generosidade de Bolão, o cercado de areia onde treinava salto em altura. Na escadaria, umas folhas secas ao vento, era o que havia. O passado se recolhia em concha.

Ele, agora, só reencontrava bordas, o recheio das coisas se perdera.

E, afinal, o que ele desejava?

Reviver?

Mas tudo – adianta não admitir? –, tudo é um viver único, de uma só vez, sem repetição...

Então, morriam nele, uma a uma, aquelas lembranças, justamente ali, onde haviam nascido.

Eram todas a sua história, o que lhe restava além das duas mãos, uma riqueza por tantos anos acumulada e que, agora, evaporava à luz de sua consciência – aquele passeio pela cidade era uma hora final.

Mas, também, de reinício; dali em diante, ele se saindo da placenta úmida, um novo velho menino.

Continuou a esmo, indo aonde as pernas o levavam, como se tivessem vontade própria, por uma rua aqui, outra lá, ambas conhecidas, mas também com os seus inevitáveis ajustes do tempo, o vão novo entre umas casas, a membrana do asfalto sobre os paralelepípedos, o secos e molhados que não existia, o posto de gasolina na saída da cidade onde o pai abastecia a Kombi.

E, quando deu por si, estava quase no Santa Cruz, em frente à paisagem imóvel, encimada pela cúpula do céu, as plantações verdes, em silêncio, *Psiu*, ele e o Bolão escondidos, entre as touceiras, à espera dos pássaros se desganharem das árvores, podia até ouvir seu coração se debatendo, a vida vicejava em tudo ali, oculta na tarde que envelhecia sob o sol, *Pegamos, pegamos,*

o pássaro-preto preso na arapuca, o instante livre, para sempre, de outros instantes esquecidos.

O vento soprou em seu rosto e o encorajou. Virou-se e se deixou levar por um caminho que o conduziria à casa do amigo.

Bolão, Bolão...

Será que ele também, nesses anos todos – quantas coisas não teria vivido! – será que ele sentia aquelas inquietações margeando, molhando seu presente, a força da infância a fluir,

rumorosa e gorgolejante, como uma queda d'água em seu pensamento?

Não, não sabia nem de si – queria por vezes ser um outro para se ver de fora, assistir-se, nas suas ações, ele que era seus muitos erros –, como ter certeza, então,

de que, para o amigo, as aventuras estavam ainda na validade, que podia apanhá-las, com as mãos, no raso da memória?

Será que poderia soltá-las, também, agora, como pipas, no ar?

Cada um, com o novelo de linha de sua história, tentava certamente lhe dar horizonte, empiná-la, elevar-se, mas o vento, o vento é quem comanda...

Andou sem pressa até a casa do amigo – ao menos era lá que Bolão antes morava –, pisando o sol na calçada, compreensivo com as ruas, os carros, os postes, o que passava à sua frente.

Tudo ali tinha se descolorido; as coisas, vivas na lembrança, diminuía-se ao seu olhar, o mundo nele se engrandecera.

Bateu palmas diante do portãozinho enferrujado.

Nada.

Nenhum som em resposta.

O silêncio ecoava no mormaço da tarde.

Bateu novamente.

O mesmo ermo.

Bateu pela terceira vez, para amenizar o sentimento de culpa, convencer-se de que tentara ao máximo o reencontro.

Movia-se para ir embora, quando ouviu passos vindos lá do fundo, *Já vai, já vai, um minuto...*

Devia ser a mãe do amigo, só podia ser, mas ele quase não a reconheceu, uma grossa camada de pele velha a cobria, como uma planta trepadeira, ela toda uma raiz seca e retorcida, nem sabia o que lhe dizer, mas estava ali e, juntando umas palavras, desculpou-se pela intromissão, explicou quem era, perguntou por Bolão.

A mulher o recuperou no tempo, não sem esforço, perguntando por sua família, onde ele vivia, um resumo de sua história. Depois, contou que o filho se casara, dera-lhe dois netos, um menino e uma menina e, então, esboçou um sorriso, parecia até que, pronunciando o nome das crianças, afastava-se de seu futuro iminente, retrocedia à vida, não se encontrava mais à beira de si mesma, e de seu fim.

Mas ele sabia, tanto quanto ela, que era só o destino se distraíndo um minuto, logo a mulher voltaria à sua condição, e, por isso, ele se manteve nos seus guardados, deixou-a falar à vontade, era um instante tagarela para quem vivia dias silenciosos,

a neta já era mocinha, sonhava fazer arquitetura na capital, o neto, tinha tudo do pai, *Até a voz*, cursava contabilidade, bom aluno, e, claro, o filho, Bolão,

morava com a família noutra cidade, Bonfim Paulista, *Aqui pertinho*, aos domingos vinha visitá-la, ela podia lhe passar o recado.

Ele agradeceu, desculpou-se outra vez, disse que estava hospedado na casa do irmão e se despediu, apressadamente, a alma dolorida, o vazio aumentando (sem a família, de ontem e de hoje).

Caminhou até a igreja matriz, cruzou a rua Quinze, passou diante do Bar do Ponto (onde agora havia um prédio dos correios).

Pedia perdão aos lugares, por estar ali, profanando-os com seus passos de hoje. As novas saudades não vinham; ao atravessá-los, as antigas iam se evaporando à luz fatiada do sol – o álbum de figurinhas; o futebol no quintal de casa; o pássaro-preto do Seu Hermes, cantor dos bons, que Bolão trocara por outro, mudo, pego lá no Santa Cruz...

Ele pensava ser o primeiro dia de uma nova consciência, mas era o último estertor de quem ele fora.

Seguiu adiante, olhando não mais para as coisas, mas para fora delas, abandonando, na rua, a sua pele velha, disposto a

aceitar o seu novo estado, como se ressuscitasse não depois de morrer, mas depois de viver.

Passou o resto da tarde e a noite nas conversas amenas, fazendo com o irmão, a cunhada e o menino, o que se faz quando tudo o mais é desimportante, uns atos normais, uns gestos comuns, e, no meio deles, um sorriso, fingindo, assim, satisfação, era bom ter vindo ali, em visita – ainda que, no fundo, lá no seu sozinho, ele ainda inapto, ao menos provisoriamente, para as bem-aventuranças.

Como se descrente, como se não ele, não mais...

Julgou que o dia seguinte o libertaria daquele brutal sentimento de perda.

O domingo despontou em forte claridade, mas ele amanheceu escuro.

Persistia em soprar as cinzas, na esperança de que o fogo, mesmo se mínimo, se reavivasse.

Será que desaprendera a ler não só as pessoas, mas, sobretudo, a si mesmo?

No café da manhã, tentou se manter animado, ocultando de todos o abismo que nascia de seu próprio olhar.

Mas, quando foi se entreter com o filho no quintal, viu o que só ele poderia ver: a Dita lavadeira, a mãe, a tia Imaculada, a prima Teresa, ele mesmo abrindo o portão para o pai sair com a Kombi.

E aí a dor apertou.

O mundo machucava mais.

Depois, foi com o irmão comprar carne. Ajudou-o a preparar o churrasco.

Procurou, em seu silencioso desencanto, contar-lhe sobre seu trabalho, seus planos, para se esquecer do que se lembrava, aquela avalanche de momentos só seus, irrecuperáveis.

Então, o filho veio chamá-lo, alguém à porta o procurava. Arrastou-se até lá, sem ânimo, desconfiado.

Mas estremeceu, de repente, ao compreender, um segundo depois de vê-lo, que aquele homem lá fora, cabelos ralos e alvos, era o seu amigo Bolão.

E embora não pudesse jamais rebobinar a vida, eis que ele experimentou, outra vez, (doendo) uma antiga alegria.

SOBRE O AUTOR

Com este livro, João Anzanello Carrascoza chega à maturidade de sua obra literária. Não apenas pela consolidação de um universo ficcional próprio – de personagens revisitados, alternância do espaço urbano com o campestre, abordagem de relações familiares e primeiras experiências – mas por ousar uma nova estrutura narrativa. Aos 7 e aos 40 pode ser considerado o primeiro romance do autor. Em forma de duas histórias, acompanhamos o personagem aos sete e aos quarenta anos. Os capítulos intercalados de cada fase da vida são independentes entre si – contam duas histórias –, mas, ao mesmo tempo, estão interligados pelos fatos da infância que reverberam na fase adulta.

Carrascoza nasceu na cidade de Cravinhos, interior de São Paulo (SP). Formou-se em comunicação social na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e trabalhou durante anos como redator publicitário. Em 1994, publicou seu primeiro livro, *Hotel solidão*, com o qual venceu o Concurso Nacional de Contos do Paraná.

Recebeu outros prêmios (Radio France Internationale, Jabuti e Eça de Queiroz) e publicou mais de vinte livros, como *O vaso azul* (Ática, 1998), *Dois tardes* (Boitempo, 2002), [O volume do silêncio \(Cosac Naify, 2006\)](#), *Espinhos e alfinetes* (Record, 2010) e [Aquele água toda \(Cosac Naify, 2012\)](#)[*], entre outros. *O volume do silêncio*, cuja apresentação é do crítico literário Alfredo Bosi, ganhou uma edição espanhola (Baile del Sol, 2011). *Aquele água toda*, ilustrado por Leya Mira Brander, recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) na categoria Contos Crônicas Reportagens, os prêmios de Melhor livro juvenil e Ilustrador revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e foi selecionado para o catálogo White Ravens da Internationale

Jugendbibliothek München (Alemanha). Os direitos da obra foram vendidos para a editora suíça La Joie de Lire.

Alguns de seus contos também apareceram em antologias na Itália, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Suécia, na Índia e pela América Latina.

[*] Também disponível em e-book [neste link](#).

© Cosac Naify, 2013, e-book, 2014

© João Luis Anzanello Carrascoza, 2013

IMAGEM DE CAPA acervo família Marin Kessedjian

COORDENAÇÃO EDITORIAL Isabel Lopes Coelho

PROJETO GRÁFICO Elaine Ramos e Nathalia Cury

REVISÃO Débora Donadel e Fabiano Calixto

ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida

PRODUÇÃO DE EPUB Fabian J. Tonack

O autor agradece à consultora cultural

Sandra Helena Pedroso

1ª edição eletrônica, 2014

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carrascoza, João Anzanello [1962-]
Aos 7 e aos 40: João Anzanello Carrascoza
São Paulo: Cosac Naify, 2014
ISBN 978-85-4050-678-7
1. Romance brasileiro
I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura brasileira 869.93

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2º andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br



Este e-book foi projetado e desenvolvido em fevereiro de 2014,
com base na 1ª edição impressa, de 2013.

FONTES Sentinel e Fakt

SOFTWARE [Adobe InDesign](#) e [Sigil](#)

[Capa](#)
[Depressa](#)
[Devagar](#)
[Leitura](#)
[Escritura](#)
[Nunca mais](#)
[Para sempre](#)
[Dia](#)
[Noite](#)
[Silêncio](#)
[Som](#)
[Fim](#)
[Recomeço](#)
[Sobre o autor](#)
[Créditos](#)
[Redes sociais](#)
[Colofão](#)